

DOUGLAS  
PRESTON



BLASFÊMIA

*Tradução de Manuel Alberto Vieira*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA  
Para quem quer fugir da rotina

À PRISCILLA, À PENNY, À ELLEN,  
AO JIM E AO TIM





## JULHO

**K**en Dolby encontrava-se diante da sua estação de trabalho, acariciando com dedos macios e refinados os comandos de Isabella. Esperou, saboreando o momento, e, em seguida, destrancou uma caixa no painel e fez descer uma pequena alavanca vermelha.

Não houve qualquer murmúrio, qualquer som, nada que indicasse que o instrumento científico mais caro do planeta havia sido ligado. Exceção feita ao facto de, a trezentos quilómetros de distância, as luzes de Las Vegas terem diminuído ligeiramente de intensidade.

À medida que Isabella aquecia, Dolby começou a sentir a sua subtil vibração atravessar o chão. Pensava na máquina como se de uma mulher se tratasse, e nos seus momentos mais fantasiosos chegara mesmo a imaginar a sua aparência — alta e esguia, com costas musculadas, negra como a noite do deserto, coberta de gotas de suor. Isabella. Não havia partilhado estes sentimentos com ninguém — era desnecessário atrair o escárnio. Para o resto dos cientistas envolvidos no projeto, Isabella era uma coisa, uma máquina morta construída para um propósito específico. Mas Dolby sempre sentira uma profunda afeição pelas máquinas que havia criado — desde a altura em que tinha dez anos e construíra o seu primeiro rádio a partir de um *kit*. Fred. Era esse o nome do rádio. E, quando pensava em Fred, via um branco gordo com cabelo cor de cenoura. O primeiro computador por ele construído fora Betty — que, na sua cabeça, tinha o aspeto de uma secretária expedita e eficiente. Não era capaz de explicar o motivo pelo qual as suas máquinas assumiam aquelas personalidades — simplesmente acontecia.

E agora isto, o acelerador de partículas mais poderoso do mundo... Isabella.

— Como é que vai isso? — perguntou Hazelius, o líder da equipa, aproximando-se e colocando-lhe uma mão afetuosa sobre o seu ombro.

— A ronronar como um gato — disse Dolby.

— Ainda bem. — Hazelius endireitou-se e falou à equipa. — Reúnam-se, tenho um anúncio a fazer.

O silêncio instalou-se no momento em que os membros da equipa se endireitaram nas suas estações de trabalho e se puseram à espera. Hazelius atravessou a pequena sala em passada larga e posicionou-se diante do maior dos ecrãs de plasma. Pequeno, franzino, elegante e inquieto como

uma doninha enjaulada, passeou-se diante do monitor por instantes, antes de se voltar para eles com um sorriso brilhante. A presença carismática daquele homem nunca deixara de provocar espanto em Dolby.

— Meus caros amigos — começou, percorrendo o grupo com os seus olhos azul-turquesa —, corre o ano de 1492. Estamos na proa do *Santa Maria*, a contemplar o horizonte do mar, momentos antes de a linha costeira do Novo Mundo se tornar visível. Hoje é o dia em que navegaremos sobre aquele horizonte desconhecido e desembarcaremos nas margens do nosso próprio Novo Mundo.

Fez descer o braço até ao interior do saco *Chapman* que trazia sempre consigo e sacou de uma garrafa de *Veuve Clicquot*. Ergueu-a como a um troféu, de olhos cintilantes, e pousou-a com estrondo sobre a mesa. — Isto é para mais logo à noite, quando desembarcarmos na praia. Porque esta noite levamos a Isabella à potência máxima de cem por cento.

O anúncio foi recebido com silêncio. Finalmente, Kate Mercer, a subdiretora do projeto, falou. — Então e o plano de fazer três ensaios a noventa e cinco por cento?

Hazelius retribuiu-lhe o olhar com um sorriso. — Eu estou impaciente. Tu não?

Mercer puxou para trás o seu brilhante cabelo negro. — E se atingirmos uma ressonância desconhecida ou gerarmos um micro buraco negro?

— Os teus próprios cálculos mostram que a probabilidade de esse problema em específico acontecer é de um para um trilião.

— Os meus cálculos poderão estar errados.

— Os teus cálculos nunca estão errados. — Hazelius sorriu e voltou-se para Dolby. — O que é que tu achas? Ela está pronta?

— Mais do que pronta.

Hazelius afastou as mãos. — Então?

Todos se puseram a olhar uns para os outros. Deveriam eles arriscar? Volkonsky, o programador russo, subitamente quebrou o gelo. — Sim, irmos a isso! — Cumprimentou, com um «dá cá mais cinco», um Hazelius inquietado, e depois todos começaram a dar palmadinhas nas costas uns dos outros, a dar apertos de mão, e a abraçar-se, à semelhança de uma equipa de basquetebol antes de um jogo.

Cinco horas e outros tantos cafés maus depois, Dolby encontrava-se diante do enorme ecrã de painel plano. Ainda estava escuro — os feixes de prótons matéria-antimatéria não haviam interagido. Demorava uma eternidade a ligar a máquina e arrefecer os magnetos supercondutores de Isabella de modo a conduzir as elevadíssimas correntes que eram necessárias. Depois, era uma questão de aumentar a luminosidade dos feixes através de incre-

mentos de cinco por cento, focar e colimar os feixes, verificar os magnetos supercondutores e correr uma série de programas de ensaio antes de aumentar para os cinco por cento seguintes.

— Potência nos noventa por cento — entou Dolby.

— Diabo — disse Volkonsky alguns atrás dele, desferindo na máquina de café *Sunbeam* um golpe que a fez retinir como o Homem de Lata. — Já vazia!

Dolby reprimiu um sorriso. Ao longo das duas semanas que haviam passado no alto da mesa, Volkonsky revelara-se um finório, um desmazelado e sarnento exemplar de *eurotrash*<sup>1</sup> com cabelo comprido e oleoso, *t-shirts* rasgadas, e um pequeno tufo púbico agarrado ao queixo. Parecia-se mais com um drogado do que com um brilhante engenheiro de *software*. Mas, bem vistas as coisas, muitos deles eram assim.

Mais um tiquetaque calculado do relógio.

— Feixes alinhados e focados — disse Rae Chen. — Luminosidade catorze TeV.

— Isabella trabalhar perfeição — disse Volkonsky.

— Os meus sistemas estão todos operacionais — disse Cecchini, o físico de partículas.

— Segurança, Sr. Wardlaw?

O oficial superior de informações, Wardlaw, falou a partir da sua estação de segurança. — Apenas gatos e coiotes, sr. Hazelius.

— Muito bem — disse Hazelius. — É chegada a altura. — Pausou de forma dramática. — Ken? Faz os feixes colidir.

Dolby sentiu o coração acelerar. Premiu os botões com os seus dedos araneiformes, ajustando-os com a leveza de um pianista. Prosseguiu com uma série de comandos golpeados no teclado.

— Contacto.

Os enormes ecrãs planos a toda a volta despertaram repentinamente. Um súbito ruído cantado parecia flutuar no ar, vindo de todo o lado e de lado nenhum ao mesmo tempo.

— O que é isso? — perguntou Mercer, alarmada.

— Um bilião de partículas a passar pelos detetores — disse Dolby. — Desencadeia uma vibração elevada.

— Céus, parece o monólito no *2001*.

Volkonsky guinchou como um macaco. Toda a gente o ignorou.

Uma imagem apareceu no painel central, o Visualizador. Dolby fixou-se nela, arrebatado. Assemelhava-se a uma enorme flor — trémulos jatos de

---

<sup>1</sup> Termo pejorativo usado pelos norte-americanos em relação aos europeus, resultante, sobretudo, do pretensiosismo a estes associado. Literalmente, «euro-lixo». (*N. do T.*)

cor difundindo-se a partir de um único ponto, retorcendo-se e serpenteando, como que a tentar libertar-se do ecrã. Permaneceu pasmado diante da sua beleza.

— Contacto bem sucedido — disse Rae Chen. — Os feixes estão focados e colimados. Meu Deus, é um alinhamento perfeito!

Vivas e algumas palmas secas e breves.

— Senhoras e senhores — pronunciou Hazelius —, bem-vindos às margens do Novo Mundo. — Gesticulou para o Visualizador. — Estão a olhar para uma densidade de energia nunca vista no universo desde o *Big Bang*. — Voltou-se para Dolby. — Ken, por favor aumenta a potência em incrementos de décimas até noventa e nove.

O som etéreo aumentou ligeiramente enquanto Dolby manipulava o teclado. — Noventa e seis — disse.

— Luminosidade dezassete vírgula quatro TeV — disse Chen.

— Noventa e sete... Noventa e oito.

A equipa mergulhou num tenso silêncio, sendo o único som audível o murmúrio que ocupava a sala de comando subterrânea, como se a montanha em redor deles estivesse a cantar.

— Feixes ainda focados — disse Chen. — Luminosidade vinte e dois vírgula cinco TeV.

— Noventa e nove.

O rumor de Isabella havia-se tornado ainda mais alto, mais límpido.

— Só um momento — pronunciou Volkonsky, curvando-se sobre a estação de trabalho do supercomputador. — Isabella estar... lenta.

Dolby voltou-se bruscamente. — Nada de errado com o *hardware*. Deve ser mais uma avaria no *software*.

— *Software* não ter problema — esclareceu Volkonsky.

— Talvez devêssemos pará-la aqui — disse Mercer. — Existe algum indício da criação de um micro buraco negro?

— Não — retorquiu Chen. — Nem sinal de radiação Hawking.

— Noventa e nove vírgula cinco — indicou Dolby.

— Estou a registar um *jet*<sup>2</sup> carregado a vinte e dois vírgula sete TeV — disse Chen.

— De que tipo? — inquiriu Hazelius.

— Uma ressonância desconhecida. Vê.

Dois lobos vermelhos e reluzentes haviam-se desenvolvido em cada um dos lados da flor, no ecrã central, como as orelhas de um palhaço crescendo descontroladamente.

---

<sup>2</sup> Anglicismo que designa um jato de partículas relativamente colimadas, produzido em colisões a alta energia. (*N. do T.*)

— Difusão forte — disse Hazelius. — Gluões, talvez. Poderá ser indício de um gravitão de Kaluza-Klein.

— Impossível — proferiu Chen. — Não com esta luminosidade.

— Noventa e nove vírgula seis.

— Gregory, acho que devíamos estabilizar a potência aqui — disse Mercer. — Estão a acontecer muitas coisas ao mesmo tempo.

— É natural que estejamos a ver ressonâncias desconhecidas — disse Hazelius, num tom de voz não mais alto do que o dos demais, mas de certo modo distinto de todos eles. — Estamos em território desconhecido.

— Noventa e nove vírgula sete — entoou Dolby. Tinha confiança absoluta na sua máquina. Podia levá-la aos 100 por cento e ainda mais acima, se necessário. Deixava-o em frenesim saber que naquele instante estavam a chupar quase um quarto da eletricidade da Barragem Hoover<sup>3</sup>. Esse era o motivo pelo qual tinham de fazer os seus ensaios a meio da noite, quando o uso de energia era menor.

— Noventa e nove vírgula oito.

— Temos aqui uma espécie de interação desconhecida mesmo grande — disse Mercer.

— Qual ser problema, cabra? — gritou Volkonsky para o computador.

— Acreditem no que vos digo, estamos a entrar num espaço de Kaluza-Klein — disse Chen. — É incrível.

Começou a aparecer estática no grande ecrã plano com a flor.

— Isabella estar portar-se estranho — anunciou Volkonsky.

— Como assim? — disse Hazelius a partir da sua posição no centro da Sala de Controlo.

— Brincalhão.

Dolby revirou os olhos. Volkonsky era irritante até mais não. — Todos os sistemas passam pelo meu painel de controlo.

Volkonsky digitou furiosamente no teclado; em seguida, praguejou em russo e golpeou o monitor com a palma da mão.

— Gregory, não achas que devíamos desligar? — perguntou Mercer.

— Dá-lhe mais um minuto — respondeu Hazelius.

— Noventa e nove vírgula nove — indicou Dolby. Durante os cinco minutos anteriores, a sala passara de sonolenta a hiper-desperta, exaltadamente tensa. Apenas Dolby se sentia relaxado.

— Concordar com a Kate — disse Volkonsky. — Eu não gostar forma como Isabella porta-se. Começarmos sequência de desligar.

---

<sup>3</sup> Represa situada no Rio Colorado. Maior central hidroelétrica do mundo aquando da sua construção, em 1936. (*N. do T.*)



— Assumo toda a responsabilidade — retorquiu Hazelius. — Ainda está tudo de acordo com as especificações. O fluxo de dados de dez terabites por segundo está a ficar entalado na goela, nada mais do que isso.

— Goela? Que querer dizer “goela”?

— Potência a cem por cento — anunciou Dolby com um toque de satisfação na sua voz descontraída.

— Luminosidade dos feixes nos vinte e sete vírgula um oito dois oito TeV — indicou Chen.

Uma mancha de estática alastrou-se nos ecrãs dos computadores. O ruído cantado ocupou o compartimento como uma voz vinda do além. A flor no Visualizador contorceu-se e expandiu-se. Um ponto negro, como que um buraco, apareceu no centro.

— Alto! — exclamou Chen. — Estou a perder todos os dados na Coordenada Zero.

A flor tremulou. Veios escuros brotaram dela repentinamente.

— Isto é de doidos — disse Chen. — Não estou a brincar, os dados estão a desaparecer.

— Não possível — afirmou Volkonsky. — Dados não estar a desaparecer. Partículas estar a desaparecer.

— Poupa-me. As partículas não desaparecem.

— Não ser brincadeira, partículas desaparecer.

— Problema de *software*? — perguntou Hazelius.

— Não ser problema *software* — respondeu Volkonsky com a voz levantada. — Problema *hardware*.

— Vai-te lixar — murmurou Dolby.

— Gregory, a Isabella pode estar a despedaçar a brana — disse Mercer. — Acho mesmo que devíamos desligar agora.

O ponto negro cresceu, expandiu-se, começou a engolir a imagem no ecrã. Nas suas margens, agitava-se freneticamente com uma coloração intensa.

— Estes números são marados — disse Chen. — Estou a registar uma curvatura extrema espaço-tempo mesmo na CZero. Parece uma espécie qualquer de singularidade. É possível que estejamos a criar um buraco negro.

— Impossível — prontificou-se Alan Edelstein, o matemático da equipa, levantando os olhos da estação de trabalho sobre a qual se mantivera silenciosamente curvado a um canto. — Não há indícios de radiação de Hawking.

— Juro por Deus — disse Chen ruidosamente —, estamos a abrir um buraco no espaço-tempo!

No ecrã onde o código do programa corria em tempo real, os símbolos e números passavam apressadamente, como um comboio expresso. No

ecrã grande colocado acima das suas cabeças, a flor contorcida havia desaparecido, deixando no seu lugar um vácuo negro. Em seguida, deu-se um movimento no vácuo — fantasmagórico, semelhante ao de um morcego. Dolby olhou-o fixamente, surpreso.

— Bolas, Gregory, desliga! — apelou Mercer.

— Isabella não aceitar *input* — gritou Volkonsky. — Eu perde rotinas principais!

— Mantém-te firme por um bocado até conseguirmos descobrir o que se está a passar — disse Hazelius.

— Morrer! Isabella morrer! — exclamou o russo, lançando as mãos para cima e reclinando-se na cadeira com um ar de descontentamento no seu rosto ossudo.

— No meu painel ainda está tudo operacional — disse Dolby. — O que se passa aqui é, obviamente, uma avaria séria de *software*. — Voltou a fixar a atenção no Visualizador. Uma imagem surgia no vazio, uma imagem tão estranha, tão bela, que a princípio não se sentiu capaz de compreendê-la. Lançou um olhar de soslaio em volta, mas mais ninguém estava a ver: todos se concentravam nas suas várias consolas.

— Ei, desculpem... Alguém sabe o que se está a passar ali em cima no ecrã? — perguntou Dolby.

Ninguém lhe respondeu. Ninguém olhou para cima. Todos estavam furiosamente atarefados. A máquina soou de modo esquisito.

— Sou apenas o engenheiro — disse Dolby —, mas será que algum de vocês, génios teóricos, tem uma ideia do que será aquilo? Alan, aquilo é... normal?

Alan Edelstein olhou distraidamente de esguelha a partir da sua estação de trabalho. — É só informação aleatória — afirmou.

— Como assim, aleatória? Tem uma forma!

— O computador avariou. Não pode ser outra coisa que não informação aleatória.

— Aquilo parece-me tudo menos aleatório. — Dolby pôs-se a olhar fixamente. — Está a mexer-se. Há ali alguma coisa, juro... Quase parece estar viva, como se estivesse a tentar sair. Gregory, estás a ver isto?

Hazelius desviou a atenção para o Visualizador e estacou; a surpresa desenhou-se-lhe no rosto. Voltou-se. — Rae? O que se passa com o Visualizador?

— Não faço ideia. Estou a registar um fluxo constante de dados coerentes dos detetores. Daqui não parece que a Isabella tenha avariado.

— Como é que interpretarias aquela coisa no ecrã?

Chen olhou para cima e esbugalhou os olhos. — Credo. Não faço ideia.

— Está a mexer-se — disse Dolby. — Parece que está... a emergir.

Os detetores soaram, a sala murmurava com o lamento agudo que emitiam.

— Rae, é lixo — indicou Edelstein. — O computador está avariado... Como é que pode ser real?

— Não estou assim tão certo de que seja inutilizada — disse Hazelius, de olhos arregalados. — Michael, o que é que tu achas?

O físico de partículas olhou fixamente a imagem, hipnotizado. — Não faz qualquer sentido. Nenhuma das cores ou formas corresponde a energias, cargas, ou classes de partículas. Nem sequer está radialmente centrada na CZero... É como uma espécie de nuvem de plasma estranha, magneticamente confinada.

— Ouçam o que vos digo — disse Dolby —, está a mexer-se, está a sair. É como... Meu Deus, que raio é aquilo? — Cerrou os olhos com força, tentando afugentar a dor da exaustão. Talvez estivesse a ver coisas. Abriu-os. Ainda ali estava... E expandia-se.

— Desliga! Desliga a Isabella agora! — clamou Mercer.

Subitamente, o painel encheu-se de estática para depois ficar completamente preto.

— Que diabo? — bradou Chen, com os dedos a golpear o teclado. — Perdi todo o *input*!

Uma palavra começou a materializar-se lentamente no centro do painel. O grupo pôs-se em silêncio, de olhar fixo. Mesmo a voz de Volkonsky, que se havia erguido em intensa excitação, se silenciara como se cortada. Ninguém se moveu.

Depois, Volkonsky desatou a rir; um riso tenso, agudo, histérico, desesperado.

Dolby sentiu uma fúria súbita. — Seu filho da puta, tu é que fizeste isto.

Volkonsky sacudiu a cabeça, agitando as suas madeixas oleosas.

— Achas que tem graça? — perguntou Dolby, levantando-se da estação de trabalho com os punhos cerrados. — Fizeste *hacking* numa experiência de quarenta mil milhões de dólares e achas que tem graça?

— Eu não fazer *hacking* em nada — disse Volkonsky, limpando a boca. — Tu calar essa boca.

Dolby rodou sobre si mesmo e encarou o grupo. — Quem fez isto? Quem é que deu cabo da Isabella? — Voltou-se para o Visualizador e leu em voz alta a palavra ali exibida, proferindo-a mergulhado no seu estado de cólera. «SAUDAÇÕES».

Voltou-se novamente. — Vou matar o cabrão que fez isto.



## SETEMBRO

Wyman Ford contemplava, na 17.<sup>a</sup> Rua, o gabinete do Dr. Stanton Lockwood III, consultor científico do presidente dos Estados Unidos. Com base na sua longa experiência em Washington, Ford sabia que embora um gabinete fosse concebido para mostrar o homem exterior, o homem público, acabava sempre por denunciar algures o segredo do homem interior. Ford deu uma vista de olhos em redor, à procura do segredo.

O gabinete estava decorado naquele estilo que Ford designava de IEPW — Importante Eminência Parda de Washington. As antiguidades eram todas autênticas e da mais refinada qualidade — desde a secretária ao estilo do Segundo Império, tão grande e feia quanto um *Hummer*, ao relógio dourado francês, em forma de pórtico, passando pelo silencioso tapete de Sultanabad colocado no chão. Nada que não tivesse custado uma fortuna dos diabos. E, claro está, havia a obrigatória «parede do poder» com diplomas emoldurados, prémios, bem como fotografias do ocupante do gabinete junto de presidentes, embaixadores e membros do governo.

Stanton Lockwood queria que o mundo o visse como um homem importante e rico, poderoso e discreto. Porém o que passava para Ford era a severidade do esforço. Aqui estava um homem determinado a ser algo que não era.

Lockwood esperou que o seu convidado se sentasse antes de ele próprio se recostar na poltrona que se situava no outro lado de uma mesa de centro. Cruzou as pernas e, com uma mão longa e pálida, alisou o vinco nas suas calças de gabardina. — Dispensemos as habituais formalidades de Washington — disse. — Sou o Stan.

— Wyman. — Reclinou-se e observou Lockwood: bem-parecido, cinquenta e muitos, com um corte de cabelo de cem dólares, o seu físico de ginásio magnificamente encaixado num fato cor de carvão. Provavelmente um jogador de *squash*. Inclusive a fotografia colocada sobre a secretária, com três filhos perfeitos e loiros junto da sua mãe atraente, possuía toda a individualidade de um anúncio de serviços financeiros.

— Bem — disse Lockwood, num tom «reunião-agora-em-curso» —, ouvi coisas excelentes a seu respeito, Wyman, dos seus antigos colegas de Langley. Eles lamentam que tenha ido embora.

Ford assentiu com a cabeça.

— Deveras horrível o que aconteceu à sua mulher. Lamento profundamente.

Ford desejou que o seu corpo não retesasse. Nunca fora capaz de encontrar um modo de reagir nas situações em que as pessoas mencionavam a sua falecida mulher.

— Disseram-me que passou alguns anos num mosteiro.

Ford demorou-se.

— A vida monástica não é do seu agrado?

— É preciso ser-se uma pessoa especial para se ser monge.

— Portanto abandonou o mosteiro e pendurou o seu letreiro.

— Um homem tem de ganhar a vida.

— Algum caso interessante?

— Caso absolutamente nenhum. Acabei de abrir o gabinete. Você é o meu primeiro cliente... se for esse o motivo da minha chamada.

— É. Tenho uma tarefa especial para si, a começar imediatamente. Durará dez dias, talvez duas semanas.

Ford anuiu com a cabeça.

— Existe uma pequena condição que preciso de mencionar antes. Assim que tiver descrito a tarefa, rejeitá-la não é opção. É nos Estados Unidos, não implica riscos e não será difícil... pelo menos na minha opinião. Quer seja bem-sucedido quer fracasse, nunca poderá falar sobre ela, pelo que lamento dizer que não poderá usá-la para abrilhantar o seu currículo.

— E a remuneração?

— Cem mil dólares em dinheiro por baixo da mesa, mais um salário G-11 por cima da mesa, proporcional ao seu cargo de fachada. — Ergueu o sobrolho. — Disposto a ouvir mais?

Não houve qualquer hesitação. — Continue.

— Excelente. — Lockwood sacou de outra pasta. — Vejo que tem um Licenciatura em Antropologia pela Universidade de Harvard. Precisamos de um antropólogo.

— Então receio não ser o homem que procura. Isso foi só a minha licenciatura. Prossigui para o MIT e doutorei-me em Cibernética. O meu trabalho para a CIA foi sobretudo nas áreas da Criptologia e da Informática. A Antropologia ficou muito lá para trás.

Lockwood acenou desdenhosamente com a mão, o seu anel de Princeton a brilhar na luz. — Não é importante. Tem conhecimento, hum, do projeto Isabella?

— É difícil evitar ouvir falar dele.

— Nesse caso, desculpe-me se repito aquilo que já sabe. O Isabella foi concluído há mais de dois meses... com um custo de quarenta mil milhões de dólares. Trata-se de um supercolisionador supercondutor acelerador de

partículas de segunda geração. Tem como propósito sondar os níveis energéticos do *Big Bang* e explorar algumas ideias exóticas para a geração de energia. Este é o projeto de estimação do presidente. Os europeus acabaram de concluir o Grande Colisionador de Hadrões, no CERN, e ele quis manter a liderança da América no que diz respeito à Física de Partículas.

— Naturalmente.

— Arranjar financiamento para o Isabella não foi pêscoço doce. A esquerda reclamava que o dinheiro deveria ter sido gasto nos coxos e nos manquinhos. A direita queixava-se de que não passava de mais um programa de despesas de um governo inapto. O presidente navegou por entre Cila e Carídis, impôs o Isabella no Congresso, e não lhe viu conclusão. Encara-o como seu legado e está desejoso de vê-lo a funcionar em pleno.

— Sem dúvida.

— O Isabella é, essencialmente, um túnel circular, noventa metros abaixo da terra e com setenta e cinco quilómetros de perímetro, no qual prótons e antiprótons circulam em direções opostas quase à velocidade da luz. Quando as partículas colidem, duplicam os níveis de energia num grau nunca visto desde que o universo tinha um milionésimo de segundo de idade.

— Impressionante.

— Encontrámos um lugar perfeito para ele: Red Mesa, uma mesa de oitocentos quilómetros quadrados na Reserva Índia dos Navajos, protegida por penhascos de seiscentos metros e crivada de minas de carvão abandonadas que convertemos em *bunkers* e túneis. O governo dos E.U. paga seis milhões por ano de renda de locação financeira ao governo tribal de Navajo em Window Rock, Arizona, um acordo que foi altamente satisfatório para todas as partes envolvidas. Red Mesa é um local desabitado, e há apenas uma estrada que conduz ao cimo. Existem algumas povoações navajas perto da base da mesa. Estamos a falar de gente tradicional: a maioria delas ainda fala navajo e vive da pastorícia de ovelhas, da tecelagem de tapetes e da produção de joias. Esse é o contexto.

Ford anuiu com a cabeça. — E o problema?

— Nas últimas semanas, um homem que se autoproclama curandeiro tem andado a incitar as pessoas contra o Isabella, espalhando boatos e informações erradas. Ele está a ganhar terreno. A sua tarefa consiste em lidar com o problema.

— O que está o governo Navajo a fazer em relação a isso?

— Nada. O governo tribal Navajo é débil. O anterior presidente tribal foi acusado de desvio de fundos, e o novo presidente acabou de tomar posse. Você está por sua conta e risco nesta questão do feiticeiro.

— Fale-me dele.

— O seu nome é Begay, Nelson Begay. Não se sabe ao certo a sua idade: não conseguimos encontrar uma certidão de nascimento. Alega que o projeto Isabella está a profanar um cemitério antigo, que ainda estavam a usar a Red Mesa para pastar ovelhas, e por aí fora. Está a organizar um percurso a cavalo em sinal de protesto. — Lockwood retirou do interior uma pasta um folheto manchado. — Aqui está um dos seus anúncios.

A fotocópia manchada exibia um homem a cavalo segurando um cartaz de protesto.

A CAVALO ATÉ RED MESA!  
PONHAM FIM AO ISABELLA!

14 E 15 DE SETEMBRO

*Protejam Diné Bikéyah<sup>4</sup>, a Terra do Povo! Red Mesa, Dzilth Chíí, é habitada pela sagrada Entidade do Pólen, que gera flores e sementes. O ISABELLA é um ferimento mortal para ela, emitindo radiação e envenenando a Terra-Mãe.*

*Juntem-se ao percurso até Red Mesa. Reúnam-se na Casa do Capítulo de Blue Gap, no dia 14 de Setembro às 9.00, para o trajeto ascendente através do Dugway<sup>5</sup> até ao antigo Entreposto Comercial de Nakai Rock. Acampem em Nakai Rock com Saunas Sagradas e uma cerimónia do Caminho da Bênção. Recuprem a terra pela oração.*

— A sua missão consiste em integrar a equipa científica na condição de antropólogo e estabelecer-se como um elemento de ligação com a comunidade local — disse Lockwood. — Dê resposta às preocupações deles. Faça amigos, acalme toda a gente.

— E se isso não funcionar?

— Neutralize a influência de Begay.

— Como?

— Descubra-lhe podres do passado, embebede-o, fotografe-o na cama com uma mula... Pouco me importa.

— Vou tomar isso como uma frágil tentativa de ter graça.

— Sim, sim, claro. Você é que é o antropólogo; deverá saber como lidar com estas pessoas. — O sorriso de Lockwood foi brando, genérico.

---

<sup>4</sup> «Nação Navajo» em língua navaja. (N. do T.)

<sup>5</sup> Literalmente, «caminho escavado». (N. do T.)

Instalou-se o silêncio. Até que Ford finalmente perguntou: — Qual é a verdadeira missão?

Lockwood entrelaçou os dedos e inclinou-se para a frente. O sorriso expandiu-se. — Descobrir que diabo está realmente a acontecer por lá.

Ford pôs-se à espera.

— Isso da Antropologia é o seu disfarce. A sua verdadeira missão deverá permanecer absolutamente secreta.

— Entendido.

— O Isabella deveria estar calibrado e operacional há oito semanas, mas ainda estão às voltas com ele. Dizem que não conseguem pô-lo a funcionar. Têm todas as desculpas do mundo: falhas no *software*, bobinas magnéticas de má qualidade, vazamento no telhado, cabos elétricos avariados, problemas informáticos. É só escolher. A princípio engoli as desculpas, mas agora estou convencido de que não me estão a contar a história verdadeira. Há qualquer coisa de errado... Acho que estão a mentir em relação ao que se passa.

— Fale-me das pessoas.

Lockwood recostou-se, inspirando. — Como por certo saberá, o Isabella foi criação do físico Gregory North Hazelius, e ele lidera uma equipa escolhida a dedo. Do melhor e do mais inteligente que a América tem para oferecer. O FBI investigou-os meticulosamente, portanto não há dúvidas quanto à sua lealdade. Para além disso, existe um oficial superior de informações destacado pelo Departamento de Energia, para além de um psicólogo.

— Pelo DE? Qual é o envolvimento deles?

— Um dos principais objetivos de investigação do projeto Isabella consiste em procurar novas formas exóticas de energia: fusão, micro buracos negros, matéria-antimatéria. O DE é nominalmente responsável, embora — se me é permitido ser franco — seja eu quem comanda as tropas nesta fase.

— E o psicólogo? Qual é o papel dele?

— Aquilo ali é como o Projeto Manhattan: isolamento, alta segurança, longas horas, proibição da visita de famílias. Um ambiente de grande tensão. Queríamos certificar-nos de que ninguém daria em doido.

— Estou a ver.

— A equipa foi para lá há dez semanas para pôr o Isabella a carburar. Esperava-se que levasse duas semanas no máximo, mas ainda estão naquilo.

Ford anuiu com a cabeça.

— Entretanto, estão a queimar uma quantidade brutal de eletricidade: quando atingem a potência de pico, o Isabella consome os megawatts de



uma cidade de média dimensão. Põem a maldita máquina a trabalhar com a potência a cem por cento vezes sem conta, alegando a todo o momento que não está a funcionar. Quando tento sacar pormenores do Hazelius, ele tem respostas para tudo. Encanta e persuade uma pessoa até convencê-la de que preto é branco. Mas algo de errado se passa e eles estão a encobri-lo. Pode ser um problema no equipamento, um problema no *software*... ou, sabe Deus, um problema humano. Mas isto surge numa altura terrível. Já estamos em Setembro. As eleições presidenciais têm lugar daqui a dois meses. Esta seria a pior das alturas para um escândalo.

— Porquê o nome Isabella?

— O engenheiro-chefe, Dolby, o tipo à frente da equipa de desenvolvimento do projeto, pôs-lhe essa alcunha. Acabou por pegar. Soava bem melhor do que SSCII, o nome oficial. Talvez a namorada dele se chame Isabella ou coisa parecida.

— Mencionou um oficial superior de informações. Qual é a história dele?

— O nome dele é Tony Wardlaw. Antigo membro das Forças Especiais, distinguiu-se no Afeganistão antes de integrar o Escritório de Informações do DE. Do melhor que há.

Ford meditou por um momento e, em seguida, falou. — Ainda não estou certo, Stan, daquilo que o faz acreditar que não estão a dizer a verdade. Se calhar estão mesmo a passar pelos problemas que mencionou.

— Wyman, eu tenho o melhor medidor de lérias da cidade, e o odor que me vem do Arizona não é *Chanel N°5*. — Inclinou-se para a frente. — Membros do Congresso de ambas as alas estão a afiar as garras. Perderam da primeira vez. Agora cheira-lhes a segundo prato.

— É mesmo típico de Washington: construir uma máquina por quarenta mil milhões de dólares e depois suspender o financiamento para fazê-la funcionar.

— Tem toda a razão no que diz, Wyman. A única constante nesta cidade é a sua ânsia pela imbecilidade. A sua tarefa consiste em descobrir o que se está a passar verdadeiramente e relatar-mo pessoalmente. É isso. Não aja nunca por iniciativa própria. Lidaremos com as coisas a partir daqui.

Deslocou-se até à sua secretária, retirou uma pilha de dossiês de uma gaveta, e fê-los bater contra o tampo, junto do telefone. — Está aqui um para cada cientista. Registos médicos, avaliações psicológicas, crenças religiosas... inclusive envolvimento extraconjugais. — Sorriu desconsoladamente. — Vieram da Autoridade Nacional de Segurança, e você sabe quão *minuciosos* eles são.

Ford atentou no dossiê que estava no topo e abriu-o. Agrafada na primeira página estava uma fotografia de Gregory North Hazelius, em

redor de cujos cintilantes olhos azuis dançava um enigmático ar de divertimento.

— Hazelius... Conhece-o pessoalmente?

— Sim. — Lockwood baixou o volume da sua voz. — E pretendo... *preveni-lo* em relação a ele.

— Como assim?

— Ele tem um modo peculiar de se concentrar numa pessoa, de a deslumbrar, de fazer com que ela se sinta especial. A mente dele brilha com uma intensidade tal que parece lançar um feitiço sobre as pessoas. Mesmo o seu comentário mais espontâneo parece carregado de uma importância oculta. Vi-o realçar algo tão comum quanto uma rocha coberta de líquen e falar disso de uma forma que nos faz sentir que se trata de uma coisa extraordinária e espantosa. Ele dedica toda a atenção a uma pessoa, trata-a como se fosse o ser mais importante do mundo. O efeito é irresistível... algo que um dossiê não tem como apreender. Isto poderá soar estranho, mas é... é quase como quando uma pessoa se apaixona, a maneira como o homem o atrai e o faz sair do mundo enfadonho. É preciso passar por isso para compreender. Homem prevenido vale por dois. Mantenha a sua distância.

Pôs-se silencioso, olhando para Ford. O ruído surdo dos pneus, das buzinas e das vozes que vinha da rua penetrara no silêncio. Ford entrelaçou os dedos na nuca e olhou Lockwood de través. — Este seria o tipo de investigação normalmente conduzido pelo FBI ou pela secção de serviços secretos do DE. Porquê eu?

— Não lhe parece óbvio? Teremos eleições presidenciais daqui a dois meses. O presidente quer isto resolvido depressa, secretamente, sem provas documentais. Ele precisa de prontidão e garantia de não implicação. Se meter água, nós não o conhecemos. Mesmo que seja bem-sucedido, nós não o conhecemos.

— Sim, mas porquê eu *especificamente*? Tenho uma licenciatura em Antropologia, nada mais do que isso.

— Tem a experiência: Antropologia, Informática, ex-membro da CIA. — Puxou um dossiê da pilha. — E tem outra vantagem.

Ford não gostou da súbita mudança de tom. — O que quer dizer com isso?

Lockwood fez arrastar a pasta ao longo da mesa até Ford, que a abriu e se pôs a olhar fixamente para a fotografia agraçada à folha de rosto — uma mulher sorridente com um brilhante cabelo negro e olhos cor de mogno.

Fechou-a estrondosamente, empurrou-a de volta até Lockwood e levantou-se com a intenção de ir embora. — Pede-me para vir aqui num domingo de manhã e arma-me uma destas? Lamento, mas não misturo o trabalho com a minha vida pessoal.

— É demasiado tarde para recuar.

Um sorriso frio. — Vai impedir-me de sair?

— Você pertenceu à CIA, Wyman. Você *sabe* o que podemos fazer.

Ford deu um passo em frente, destacando-se, em altura, em relação a Lockwood. — Estou a tremer de medo.

O consultor científico olhou para cima, dedos enganchados, sorrindo brandamente. — Wyman, peço desculpa. O que eu disse foi estúpido. Mas você, de entre todas as pessoas, deveria saber da importância do projeto Isabella. Abrirá as portas à nossa compreensão do universo. Precisamente do momento da sua criação. Poderia conduzir-nos a uma fonte ilimitada de energia isenta de carbono. Seria uma enorme tragédia para a ciência americana se mandássemos esse investimento pelo cano abaixo. *Por favor*, faça isto: se não pelo presidente ou por mim, então faça-o pelo seu país. O Isabella, com toda a franqueza, é a melhor coisa que esta administração fez. É o nosso legado. Assim que todo este som e esta fúria tiverem passado, esta é a única coisa que fará a diferença. — Devolveu a pasta a Ford. — Ela é a subdiretora do projeto Isabella. Tem agora trinta e cinco anos, doutorada em Stanford, uma teórica de primeira água. O que aconteceu entre vocês foi há muito tempo. Conheci-a. Brillhante, claro está, profissional, ainda solteira, mas não me parece que isso será um problema. Ela é veículo de entrada, uma amiga, alguém com quem falar, nada mais.

— Alguém a quem sondar para sacar informações, quer você dizer.

— A experiência científica mais importante da história da humanidade está em risco. — Bateu com a palma ao de leve no dossiê, após o que ergueu os olhos na direção de Ford. — Então?

No instante em que Ford devolveu o olhar, notou que a mão esquerda de Lockwood acariciava nervosamente um seixo que permanecera pousado sobre a secretária.

Lockwood seguiu-lhe o movimento dos olhos e sorriu acanhadamente, como se tivesse sido apanhado. — Isto?

Ford descortinou uma súbita aparência cautelosa nos olhos de Lockwood. — O que é? — perguntou.

— A minha pedra da sorte.

— Posso vê-la?

Lockwood passou relutantemente a pedra a Ford. Este voltou-a e viu um fóssil de uma trilobite cravado num dos lados.

— Interessante. Algum significado especial?

Lockwood pareceu hesitar. — O meu irmão gémeo encontrou-a no Verão em que fizemos nove anos e deu-ma. Foi esse fóssil que me iniciou na estrada da ciência. Ele... morreu afogado algumas semanas depois.

Ford tateou a pedra, polida por anos de manuseamento. Havia encontrado o homem interior — e, inesperadamente, gostou dele.

— Preciso mesmo que aceite esta tarefa, Wyman.

*E eu também preciso.* Pousou suavemente a pedra sobre a secretária. — Está bem. Aceito. Mas trabalho à minha maneira.

— Parece-me justo. Mas não se esqueça: nada de agir por iniciativa própria.

Lockwood levantou-se e retirou uma pasta da sua secretária, enfiou os dossiês, fechou-a e trancou-a. — Dentro dela encontrará um telefone de satélite, um computador portátil, um pacote de orientação, uma carteira, dinheiro, e a sua missão oficial. Está um helicóptero à sua espera. O guarda que está do lado de fora do meu gabinete irá acompanhá-lo. As suas roupas e artigos vários serão enviados separadamente. — Trancou a pasta e fez girar o disco. — A combinação vai do sétimo ao décimo algarismo do número pi. — Riu-se do seu próprio engenho.

— E se o nosso entendimento de «nada de agir por iniciativa própria» não coincidir?

Lockwood empurrou a pasta ao longo da secretária. — Não se esqueça — disse —, nós nunca o conhecemos.



Booker Crawley reclinava-se na sua requintada cadeira de diretor executivo e estudava os cinco homens que se sentavam em redor da mesa de reuniões, feita em madeira de bubinga. Na sua longa e fecunda carreira na área da pressão política, Crawley aprendera que é de facto possível julgar um livro pela capa, pelo menos na maioria das vezes. Observou o homem à sua frente, que dava pelo ridículo nome de Delbert Yazzie, analisando os seus olhos lacrimosos e rosto triste, o fato de pronto-a-vestir, a fivela do cinto ostentando um quarto de quilo de prata e turquesas, as botas de vaqueiro que aparentavam ter sido soladas várias vezes. Yazzie, em suma, parecia manobrável. Era um campónio, um índio rústico a fazer de vaqueiro que, de uma maneira ou de outra, havia dado por si no lugar de presidente recém-eleito da designada Nação Navajo. Emprego anterior: porteiro numa escola. Crawley teria de explicar a Yazzie que, em Washington, as pessoas marcavam encontros. Não apareciam pura e simplesmente — especialmente numa manhã de domingo.

Os homens sentados à esquerda de Yazzie formavam o chamado Conselho Tribal. Um deles parecia-se com um genuíno pele-vermelha em carne e osso, exibindo uma fita coberta de contas presa na cabeça, cabelo longo apanhado em rolo, camisa índia de veludo com botões de prata e um colar de turquesas. Dois deles vestiam fatos da *JCPenney*. O quinto homem, suspeitosamente branco, ostentava um fato *Armani* feito à medida. Esse seria o tipo a ter debaixo de olho.

— Bem! — disse Crawley. — É com enorme satisfação que conheço o novo líder da Nação Navajo. Não sabia que estava cá na cidade! Parabéns pela sua eleição... e parabéns a todos vocês, membros do Conselho Tribal. Bem-vindos!

— É um prazer para nós estar aqui, Mr. Crawley — disse Yazzie com voz baixa e neutra.

— Trate-me por Booker, por favor!

— Yazzie inclinou a cabeça, mas não propôs ser tratado pelo seu primeiro nome. *Bem, não é de admirar*, pensou Crawley, *com um nome como Delbert*.

— Alguém aceita uma bebida? Café? Chá? Uma *Pellegrino*?

Todos quiseram café. Crawley pressionou o botão de um intercomunicador, fez o pedido, e, volvidos alguns minutos, o seu empregado entrou,

empurrando em mãos um carrinho carregado com uma cafeteira de prata, púcaro de natas, açucareiro, canecas. Invaso por um calafrio, Crawley observava enquanto colher de chá atrás de colher de chá de cristais de açúcar deslizavam para o interior da negrura do café de Yazzie, cinco ao todo.

— Para mim, pessoalmente, tem sido um prazer imenso trabalhar com a Nação Navajo — prosseguiu Crawley. — Com o Isabella quase operacional, isto é verdadeiramente um momento de celebração para todos nós. Prezamos a nossa relação com o povo Navajo e ansiamos por trabalhar convosco ao longo do muito tempo que aí virá.

Reclinou-se com um sorriso amigável e permaneceu calado por um momento.

— A Nação Navajo agradece-lhe, Sr. Crawley.

Acenos e murmúrios de aprovação percorreram a mesa.

— Estamos gratos por tudo aquilo que fez — continuou Yazzie. — A Nação Navajo sente uma enorme satisfação por poder prestar um contributo tão importante à ciência americana.

Falava de um modo lento e deliberado, como se tivesse ensaiado as palavras, e Crawley sentiu uma pequena e fria área das suas entranhas enrijecer. Talvez queiram endrominá-lo. Na verdade, poderiam tentar à vontade — não faziam a mais pálida ideia de com quem estavam a lidar. Que bando de macacos do deserto.

— Você fez um excelente trabalho ao colocar o Isabella na nossa região e ao negociar condições justas com o governo — prosseguiu Yazzie, com os seus olhos sonolentos erguidos na direção de Crawley, mas dir-se-ia que não propriamente fixados nele. — Fez o que disse que ia fazer. Isto é uma coisa nova na nossa experiência a lidar com Washington. Você manteve as suas promessas.

Era a isto que se resumia aquela visita? — Obrigado, Sr. Presidente, é muito generoso da sua parte. Folgo em sabê-lo. É bem verdade que mantemos as nossas promessas. Tenho de dizer-lhe muito francamente que o projeto implicou muito trabalho árduo. Se me é permitida alguma autocongratulação, este foi um dos mais estimulantes projetos de pressão política em que jamais estive envolvido. Mas conseguimos o que queríamos, não conseguimos? — Crawley sorriu abertamente.

— Sim. Esperamos que a compensação que recebeu tenha sido um retorno suficiente pelo seu trabalho.

— Na verdade, o projeto foi bem mais dispendioso para o nosso lado do que antecipámos. O meu contabilista tem estado com uma disposição terrível nestas últimas semanas! Mas não é todos os dias que podemos ajudar a ciência americana ao mesmo tempo que trazemos empregos e oportunidades para a Nação Navajo.

— O que me leva ao assunto da nossa visita.

Crawley sorveu um trago da sua caneca. — Muito bem. Adorava ouvir.

— Com o trabalho terminado e o Isabella a funcionar, já não vemos qual a necessidade de continuarmos com os seus serviços. Quando o nosso contrato com a Crawley e Stratham expirar no final de Outubro, não vamos renová-lo.

Yazzie falou tão rudemente, com tão pouca elegância, que Crawley precisou de um momento para absorver o golpe, embora mantivesse o seu sorriso imperturbável.

— Ora, pois — disse —, lamento muito ouvir isso. Foi alguma coisa que fizemos... ou não fomos capazes de fazer?

— Não, resume-se ao que eu disse: o projeto está terminado. Vai fazer lóbi sobre o quê?

Crawley respirou fundo e pousou a caneca. — Não o censuro por pensar isso... Afinal de contas, Window Rock fica a uma grande distância de Washington. — Inclinou-se para a frente, fazendo com que a voz baixasse ao nível de um sussurro. — Deixe-me que lhe diga uma coisa, Sr. Presidente. Nesta cidade, nunca nada está *terminado*. O Isabella ainda não está efetivamente operacional, e há um velho ditado da Rua K que reza assim: «Do prato à boca perde-se a sopa». Os nossos inimigos — os *vossos* inimigos — nunca desistiram. Muitos elementos do Congresso ainda estão desejosos de anular o projeto. É assim que as coisas funcionam em Washington: nunca perdoar, nunca esquecer. Amanhã poderiam introduzir um projeto de lei que cortaria o financiamento do Isabella. Poderão tentar renegociar os valores de arrendamento. Vocês precisam de um amigo em Washington, Sr. Yazzie. E eu sou esse amigo. Eu sou o homem que manteve as suas promessas. Se esperarem até que as más notícias cheguem a Window Rock... será demasiado tarde.

Pôs-se a observar os seus rostos, mas não foi capaz de distinguir qualquer reacção. — Recomendo vivamente que renovem o contrato durante, pelo menos, seis meses, como uma forma de precaução.

Aquele homem, Yazzie, era tão inescrutável quanto um maldito chinoca. Crawley desejava ainda estar a trabalhar com o anterior presidente, um homem que gostava dos seus bifés mal passados, dos seus martinis secos, e das suas mulheres com batom bem desenhado. Quem dera que não tivesse sido apanhado com a mão na massa tribal.

Yazzie finalmente falou. — Temos muitas necessidades urgentes, Sr. Crawley: escolas, empregos, clínicas de saúde, instituições recreativas para os nossos jovens. Apenas seis por cento das nossas estradas estão pavimentadas.

Crawley manteve o sorriso como se para uma câmara. Filhos da puta ingratos. Iriam receber os seus seis milhões por ano até ao dia do fim do mundo, e ele não ia ver sequer um tostão. Todavia, não andara a mentir — este trabalho de lobista havia sido uma jornada dos diabos do início ao fim.

— Se isto de «Do prato à boca perde-se a sopa» viesse a acontecer — prosseguiu Yazzie no seu modo lento e sonolento —, recorreríamos aos seus serviços novamente.

— Sr. Yazzie, nós somos uma pequena firma de pressão política. Somos só eu e o meu sócio. Aceitamos apenas alguns clientes, e temos uma longa lista de espera. Se desistir, o espaço que deixar será preenchido imediatamente. Depois, se alguma coisa acontecer e precisar novamente dos nossos serviços, como é que vai ser?

— Assumiremos o risco — disse Yazzie com uma secura que acicatou Crawley.

— Sugeriria — na verdade *recomendo vivamente* — o prolongamento do contrato por mais seis meses. Podíamos, inclusive, discutir a sua renovação pelo valor de meia caução. Isso, pelo menos, garantiria o seu lugar.

O líder tribal olhou-o fixamente. — Você foi bem compensado. Quinze milhões de dólares é muito dinheiro. Ao examinar as suas horas e despesas faturadas, algumas questões se levantam. Mas isso não nos diz respeito no presente momento: você foi bem-sucedido e nós estamos gratos. Deixaremos as coisas como estão.

Yazzie levantou-se, depois os restantes.

— Certamente que fica para almoçar! Por minha conta, claro. Há um novo restaurante francês fabuloso mesmo à saída da Rua K, o *Le Zinc*, gerido por um velho companheiro da associação de antigos estudantes. Eles fazem um excelente combinado de martini seco e bife *au poivre*. — Nunca tivera conhecimento de um índio que declinasse uma bebida de graça.

— Obrigado, mas temos muito que fazer aqui em Washington e não podemos perder tempo. — Yazzie estendeu a mão.

Crawley mal podia acreditar. Estavam de saída, assim de repente.

Ergueu-se para conduzi-los à porta, entre apertos de mão frouxos. Após a sua saída, deixou cair o peso do corpo contra a enorme porta de pau-rosa do seu gabinete. Um sentimento de fúria ardia-lhe nas entranhas. Nenhum aviso, nenhuma carta, nenhum telefonema, nem sequer a marcação de um encontro. Simplesmente entraram, despediram-no, saíram — um autêntico «vai-te lixar». E insinuaram que os tinha trapaceado! Depois de quatro anos e um trabalho de lobista que valera quinze milhões de dólares, tinha-lhes oferecido a galinha dos ovos de ouro, e que fizeram eles? Tiraram-lhe o escalpo e largaram-no aos abutres. Este não era o modo de fazer as coisas na Rua K. Não, senhor. Cuidava-se dos amigos.



Endireitou-se. Booker Hamlin Crawley nunca caía ao primeiro soco. Iria ripostar — e a ideia de como o faria começava já a formar-se na sua mente. Entrou no seu gabinete privado, trancou a porta, e retirou um telefone da última gaveta da sua secretária. Tratava-se de um telefone de rede fixa registado em nome de uma velhota chanfrada da casa de saúde ao virar da esquina, pago por um cartão de crédito que ela nem sequer sabia possuir. Ele raramente o usava.

Pressionou o primeiro dígito, e depois parou, detido pela insinuação de uma memória, o mais breve lampejo de como e por que motivo havia rumado a Washington quando jovem, repleto de ideias e esperança. Uma sensação de enjoo instalou-se na sua barriga. Mas de imediato a ira reemergiu. Não cederia ao pecado mortal de Washington: a fraqueza.

Marcou o resto do número. — Seria, por favor, possível falar com o Reverendo Don T. Spates?

O telefonema foi curto, mas proveitoso, e o *timing* havia sido perfeito. Premiu o botão de *OFF*, sentindo um repente de triunfo diante do seu próprio brilhantismo. Dali a um mês, aqueles primitivos montados em pelo estariam de volta ao seu gabinete, implorando a sua contratação — pelo valor de *duas* cauções.

Os seus lábios, húmidos e elásticos, contorceram-me de prazer e expectativa.



Wyman Ford olhava pela janela do Cessna Citation no momento em que este sobrevoava as Montanhas Lukachukai e apontava na direção de Red Mesa. Tratava-se de um acidente geográfico impressionante, uma ilha no céu murada por penhascos, costurada em camadas de arenito amarelo, vermelho e cor de chocolate. Enquanto observava, a luz do Sol brotava de uma abertura nas nuvens e atingia a mesa, incendiando-a. Era como que um mundo perdido.

À medida que se aproximavam, os detalhes começaram a clarificar-se. Ford conseguiu decifrar pistas de aterragem que se cruzavam como dois adesivos, com um aglomerado de hângares e uma estação para helicópteros. Três gigantescos conjuntos de fios de alta tensão, enfileirados em armações com a altura de trinta andares, vinham das zonas norte e oeste e convergiam na extremidade da mesa, onde se situava uma área segura, protegida por uma vedação dupla. A quilómetro e meio de distância, uma aglomeração de casas ocultava-se num vale de choupos, junto de campos verdes e um edifício feito de toros — o velho Entreposto Comercial de Nakai Rock. Uma estrada em asfalto, nova em folha, atravessava a mesa, de oeste para este.

A contemplação de Ford acompanhou a descida dos penhascos. Cerca de novecentos metros abaixo, uma enorme abertura quadrada havia sido escavada para o interior da mesa, contendo uma porta de metal colocada em recesso. Enquanto o avião virava, inclinando-se para o lado de dentro, conseguiu avistar a única estrada que ascendia à mesa — serpenteando a encosta do penhasco como uma cobra em redor do tronco de uma árvore. O *Dugway*.

O Cessna começou a sua descida. A superfície de Red Mesa mostrava-se fendida e dividida por pegos secos, vales e terrenos rochosos. Uma escassa dispersão de zimbros alternava com esqueletos cinzentos de pinheiros-mansos<sup>6</sup>, porções de campina e artemísias, e áreas de rocha lisa marcadas por campos de dunas.

O Cessna aterrou na pista e deslizou até um terminal de barracas. Havia vários hângares dispostos atrás, brilhando à luz. O piloto acionou a abertura

---

<sup>6</sup> Referência a *Pinus johannis* Robert-Passini ou a qualquer outro Pinheiro produtor de pinhões comestíveis nativo da área.

da porta. Ford, transportando apenas a pasta de Lockwood, colocou os pés sobre o tarmacadame quente. Não estava ninguém presente para saudá-lo.

Com um aceno de despedida, o piloto recolocou-se no seu lugar e, num instante, o pequeno avião estava de regresso ao ar, um brilho débil de alumínio distanciando-se no céu azul-turquesa.

Ford observou o avião enquanto este desaparecia, após o que se pôs a caminhar vagorosamente no sentido do terminal.

Pendurada na porta estava uma tabuleta de madeira, pintada à mão com um tipo de letra ao estilo do Oeste Selvagem.

## **ACESSO INTERDITO**

**OS TRANSGRESSORES SERÃO ALVEJADOS  
LEIA-SE: VOCÊ, COMPADRE!**

**G. HAZELIUS, XERIFE**

Deu-lhe um empurrão com o dedo, ouvindo-a ranger para a frente e para trás. Junto dela, em postes de metal afundados em cimento, um letreiro do governo em tons de azul vivo explicitava, numa linguagem burocrática e seca, basicamente a mesma coisa. Rajadas de vento atravessaram a pista, espalhando pó em espiral ao longo do asfalto.

Tentou abrir a porta do terminal. Trancada.

Ford recuou e olhou em redor, invadido pelo sentimento de que o haviam deixado cair na sequência inicial de *O Bom, o Mau e o Vilão*.

O ruído áspero do letreiro e o murmúrio do vento despoletaram uma memória súbita — aquele momento, todos os dias, quando chegava a casa depois da escola, retirava a chave que trazia ao pescoço, destrancava a porta da casa da sua família em Washington, e permanecia sozinho no interior daquela vasta mansão que fazia eco. A sua mãe estava sempre ausente numa receção ou cerimónia para angariação de fundos qualquer, o pai para fora a tratar de questões governamentais.

O rugido de um veículo que se aproximava puxou-o de volta ao presente. Um *Jeep Wrangler* ultrapassou uma elevação, desapareceu por detrás do terminal, e reapareceu movendo-se rapidamente sobre o tarmacadame. Produzindo um guincho, o carro descreveu uma curva de lado e, em seguida, parou violentamente à sua frente. Do seu interior pulou um homem, sorriso amplo no rosto, mão estendida em saudação. Gregory North Hazelius. O seu aspeto era exatamente igual ao da fotografia do dossiê, repleto de energia.

— *Yáát'ééh shi éí*, Gregory! — disse Hazelius, apertando a mão de Ford.

— *Yáát'ééh* — respondeu Ford. — Não me diga que fala navajo.

— Só algumas palavras que aprendi com um antigo aluno meu. Bem-vindo.

A breve análise que Ford fizera do arquivo de Hazelius indicava que o homem alegadamente falava doze línguas, incluindo farsi, dois dialetos do chinês, e suaíli. Não fora feita qualquer menção ao navajo.

Com um metro e noventa e cinco, Ford normalmente tinha de olhar para baixo de modo a cruzar os seus olhos com os dos outros homens. Desta vez, teve de inclinar-se ainda mais. Hazelius tinha um metro e sessenta e cinco, uma figura informalmente elegante em calças de caqui meticulosamente passadas, camisa de seda em tons de creme — e um par de mocassins índios. Os seus olhos eram tão azuis que se assemelhavam a fragmentos de um vitral em contraluz. O nariz aquilino unia-se a uma testa alta e lisa, no topo da qual se exibia uma cabeleira castanha ondulada, escrupulosamente penteada. Um pequeno volume que transportava uma energia extraordinariamente grande.

— Não esperava o grande homem em pessoa.

Hazelius riu-se. — Todos cumprimos mais do que uma obrigação. Sou o motorista residente. Por favor, entra.

Ford curvou o corpo para se sentar no lugar do passageiro, ao passo que Hazelius deslizou para o lugar do condutor com a graciosidade de um pássaro. — Enquanto temos a Isabella a operar, não quero muito pessoal de apoio por perto. Para além disso — Hazelius voltou-se para ele com um sorriso cintilante —, quis conhecer-te pessoalmente. Tu és o nosso Jonas.

— Jonas?

— Éramos doze. Agora somos treze. Por tua causa, talvez tenhamos de mandar alguém borda fora — afirmou, rindo por entre dentes.

— És uma pessoa supersticiosa.

Soltou uma gargalhada. — Se soubesses da missa a metade! Nunca vou a lado nenhum sem a minha pata de coelho. — Retirou um velho, repugnante e quase careca apêndice amputado do bolso. — O meu pai deu-ma quando tinha seis anos.

— Encantador.

Hazelius pôs o pé a fundo no acelerador e o *Jeep* arrancou disparado, colando Ford ao encosto do assento. O *Wrangler* atravessou velozmente o tarmacadame e, chiando, entrou numa estrada de asfalto recentemente colocado que serpenteava por entre zimbros. — Isto é como no campo de férias, Wyman. Cada um faz as suas próprias tarefas — cozinhar, limpar,

conduzir. É só escolher. Temos uma teórica de cordas que faz uns bifés grelhados soberbos, um psicólogo que nos ajudou a armazenar uma adega de vinhos excelente, e muitas outras pessoas multitalentosas.

Ford agarrou-se ao apoio de mão enquanto o *Jeep* guinava numa curva, produzindo um gemido de borracha.

— Nervoso?

— Acorda-me quando chegarmos.

Hazelius riu-se. — Não consigo resistir a estas estradas vazias: nada de polícias e podemos ver a linha do horizonte durante quilómetros. E tu, Wyman? Quais são os teus talentos especiais?

— Sou um lavador de pratos e peras.

— Excelente!

— Sei cortar lenha.

— Que maravilha!

Hazelius conduzia como um louco, escolhendo uma faixa e seguindo-a à velocidade máxima, ao mesmo tempo que ignorava completamente a linha central. — Peço desculpa por não ter estado lá quando o teu avião chegou. Estamos mesmo a acabar uma experiência na Isabella. Posso fazer-te uma visita guiada rápida?

— Ótimo.

O *Jeep* galgou uma elevação a alta velocidade. Por instantes, o corpo de Ford perdeu o peso.

— Nakai Rock — disse Hazelius, apontando na direção da espiral de pedra que Ford avistara do avião. — O velho entreposto comercial foi buscar o seu nome àquela pedra. Também chamamos Nakai Rock à nossa povoação. Nakai... O que é que isso significa? Sempre quis saber.

— É a palavra navaja para «Mexicano».

— Obrigado. Fico mesmo satisfeito que possas ter vindo num tão curto espaço de tempo. Infelizmente, acabámos por entrar em conflito com os locais. O Lockwood falou muito bem de ti.

A estrada curvou para o interior de um vale abrigado, coberto de choupos e cercado por escarpas de arenito vermelho. Ao longo da parte exterior da espiral encontravam-se doze ou mais casas de adobe falso, arditosamente dispostas por entre os choupos, com vedações e relvados minúsculos. Um campo de jogos verde-esmeralda no centro da espiral formava um vibrante contraste contra as escarpas. Na extremidade mais longínqua do vale erguia-se, como um juiz que presidia a um julgamento, a alta rocha medonha.

— Construiremos abrigos para até duzentas famílias. Isto será uma bela aldeia para cientistas visitantes, das suas famílias e do pessoal de apoio.

O *Jeep* passou velozmente pelas casas, descrevendo uma curva extensa. — Campo de ténis. — Hazelius gesticulou para a esquerda. — Celeiro com três cavalos.

Alcançaram uma estrutura pitoresca feita de toros com fendas preenchidas com adobe e sombreada por enormes choupos. — O velho entreposto comercial, convertido em refeitório, cozinha e espaço recreativo. Mesa de bilhar, pingue-pongue, matraquilhos, cinema, biblioteca, cantina.

— O que está um entreposto comercial a fazer bem cá no cimo?

— Antes de a empresa de carvão as ter posto a andar, as gentes de navajo pastoreavam ovelhas na Red Mesa. O entreposto trocava comida e mantimentos pelos tapetes que teciam com a lã. Os tapetes de Nakai Rock são menos conhecidos do que os de Two Grey Hills, mas igualmente bons... Melhores ainda. — Voltou-se para Ford. — Onde fizeste a tua investigação de campo?

— Ramah, Novo México. — Ford não especificou que *Fora só durante o Verão e eu não passava de um estudante universitário*.

— Ramah. Não foi aí que o antropólogo Clyde Kluckhohn fez investigação para o seu famoso livro *Navaho Witchcraft*?

A profundidade de conhecimento de Hazelius surpreendeu Ford. — Isso mesmo.

— Falas navajo fluente? — inquiriu Hazelius.

— Apenas o suficiente para me meter em sarilhos. O navajo é possivelmente a língua mais difícil do planeta.

— Por isso, sempre me interessou: ajudou-nos a ganhar a Segunda Guerra Mundial<sup>7</sup>.

O *Jeep*, produzindo um guincho, parou diante de uma casita, pequena e engenhosa, com um pátio vedado que confinava uma pequena área de relva artificialmente verde, juntamente com um pátio, uma mesa de pique-nique e um espaço para churrascos.

— A residência de Ford — anunciou Hazelius.

— Encantadora. — Na verdade, era tudo menos isso. Tinha um aspeto opressivamente suburbano, esta pirosa e pequena subdivisão renovada ao estilo neo-*pueblo*. Mas o cenário era magnífico.

— As habitações providenciadas pelo governo são iguais em todo o lado — disse Hazelius. — Mas vais ver que são confortáveis.

— Onde está toda a gente?

— Lá em baixo no Bunker. É o nome que damos ao complexo subterrâneo que alberga a Isabella. A propósito, onde estão as tuas malas?

---

<sup>7</sup> Refere-se à utilização da língua navaja para fins criptográficos.

- Chegam amanhã.
- Deviam estar ansiosos por te mandar para cá.
- Nem sequer me deram tempo para pegar na escova de dentes.

Hazelius arrancou e fez a última curva da espiral a uma velocidade que comia a borracha das rodas. Em seguida, parou, acionou a tração às quatro rodas, e, com destreza, fez o veículo sair do pavimento e entrar em dois sulcos desnivelados através do silvado.

- Aonde é que vamos?
- Depois verás.

Fizeram as rodas plissar sobre regatos e ultrapassaram pedregulhos enquanto o *Jeep* subia através da estranha e enraçada floresta de zimbros e pinheiros-mansos mortos. Andaram aos solavancos durante alguns quilómetros. Uma longa e íngreme encosta de arenito vermelho liso começava desenhar-se diante deles.

O *Jeep* parou, e Hazelius saiu dando um pulo. — É precisamente aqui em cima.

Com uma curiosidade crescente, Ford seguiu-o encosta acima até ao cume da peculiar escarpa de arenito. O topo revelou-se uma enorme surpresa: deu por si, inesperadamente, na borda da Red Mesa, com os penhascos a estender-se numa altura de quase seiscentos metros. Não houvera qualquer sensação que indicasse que a borda da mesa se vinha aproximando, nenhum aviso de que o penhasco se aproximava.

— Bonito, hem? — perguntou Hazelius.

— Assustador. Um pessoa bem que podia ultrapassar a borda sem dar por ela.

— Na verdade, existe uma lenda sobre um vaqueiro navajo que perseguia um novilho a cavalo e que desapareceu a partir daqui. Dizem que o seu *chindii*, o seu fantasma, ainda desaparece desta borda montado a cavalo em certas noites escuras e tempestuosas.

A vista era de cortar a respiração. Uma terra ancestral dispersa abaixo deles, elevações e pilares de pedra da cor do sangue, erodidos pelo vento e esculpados em estranhas formas. Mais além encontravam-se mesas estratificadas em montanhas atrás de montanhas. Bem podia ter sido a extremidade da própria Criação, onde Deus havia finalmente desistido, no desespero de trazer a ordem a uma terra rebelde.

— Aquela grande mesa isolada lá ao longe — disse Hazelius — é a No Man's Mesa, com catorze quilómetros de comprimento e quilómetro e meio de largura. Dizem que há um trilho secreto que conduz ao topo que nunca foi encontrado por nenhum homem branco. À esquerda está a Piute Mesa. A Shonto Mesa é a que está à frente. Mais lá para trás está o leito recurvado

do Rio San Juan, a Cedar Mesa, o monte Bears Ears e as montanhas da Manti-La Sal.

Um par de corvos voou no sentido ascendente, depois mergulhou e planou de regresso às profundezas sombrias. Os seus gritos ecoaram pelos desfiladeiros.

— A Red Mesa é acessível apenas a partir de dois locais: o *Dugway*, atrás de nós, e um trilho que começa ali, a um par de quilómetros daqui. Os navajos chamam-lhe o Trilho da Meia-Noite. Termina em Blackhorse, aquele pequeno povoado ali em baixo.

No instante em que se voltaram para seguir caminho, Ford reparou numa série de marcas na superfície de uma gigantesca rocha fragmentária que abria uma brecha no estrato.

Hazelius, seguindo-lhe a atenção, disse: — Estás a ver alguma coisa?

Ford avançou para a rocha e colocou a mão sobre a superfície desnivelada. — Gotas de chuva fossilizadas. E... o vestígio fossilizado de um inseto.

— Ora, ora — disse o cientista numa voz baixa. — Toda a gente esteve aqui para apreciar a vista. Mas tu és a primeira pessoa a reparar nisso... para além de mim, claro está. Gotas de chuva fossilizadas resultantes de uma chuvada que caiu na era dos dinossáurios. E depois, passada a chuva, um escaravelho atravessou a areia húmida. Por uma ou outra razão, desafiando todas as probabilidades, este pequeno momento da História fossilizou-se. — Hazelius toucou-a reverentemente. — Nada do que nós, humanos, tenhamos feito neste planeta, nenhuma das nossas obras — nem a *Mona Lisa* nem a Catedral de Chartres, ou mesmo as pirâmides do Egito — durará tanto tempo quanto aquelas pegadas de escaravelho sobre areia húmida.

Ford sentiu-se estranhamente comovido diante daquela ideia.

Hazelius seguiu com o seu próprio dedo a trajetória errante do inseto, e, em seguida, endireitou-se. — Bem! — exclamou, agarrando o ombro de Ford e agitando-o de forma afetuosa. — Estou a ver que tu e eu vamos ser amigos.

Ford recordou o aviso de Lockwood.

Hazelius voltou-se para sul, gesticulando no topo da mesa. — No Paleozoico, tudo isto era um imenso pântano. Deu-nos alguns dos mais densos jazigos carboníferos da América. Foram escavados nos anos cinquenta. Aqueles velhos túneis eram perfeitos para a retromodificação da Isabella.

O Sol iluminou o rosto quase liso de Hazelius no momento em que este se virou para arremessar um sorriso a Ford. — Não podíamos ter encontrado um lugar melhor, Wyman: isolado, sereno, desabitado. Mas para mim a coisa mais importante foi a beleza desta paisagem, porque a beleza e o mistério ocupam um espaço central na Física. Como disse Einstein, «A



coisa mais bela que podemos experienciar é o misterioso. É a fonte de toda a verdadeira ciência».

Ford observou o Sol desvanecer-se lentamente nos longínquos desfiladeiros a oeste, como ouro a derreter sobre cobre.

Hazelius disse: — Pronto para ir para debaixo da terra?



O *Jeep* arrepiou caminho de regresso à estrada. Ford agarrou-se ao apoio de mão, procurando parecer relaxado enquanto Hazelius acelerava a fundo através da pista de aterragem, atingindo os cento e trinta na estrada contínua.

— Vês algum polícia? — perguntou Hazelius com um sorriso que deixava os dentes a descoberto.

Quilómetro e meio adiante, a estrada encontrava-se bloqueada por dois portões numa disposição dupla de redes metálicas simples com concertinas de arame farpado no topo, delimitando uma área ao longo da extremidade da mesa. Travou no último instante, fazendo as rodas chiar.

— Tudo o que está no interior chama-se Zona de Segurança — informou Hazelius. Digitou um código num teclado numérico colocado num poste. Uma sirene ecoou asperamente e o portão abriu. Hazelius avançou e estacionou o *Jeep* no seguimento de uma fileira de carros. — O Elevador — disse, indicando com a cabeça uma torre alta, erguida sobre a extremidade dos penhascos, engrinaldada com antenas e parabólicas. Caminharam ao seu encontro, e Hazelius fez passar um cartão através de uma ranhura junto à porta de metal, após o que colocou a mão sobre um leitor biométrico. Passado um momento, uma voz feminina enrouquecida disse: — Boa tarde, docinho. Quem é esse jeitoso que está contigo?

— Este é o Wyman Ford.

— Venha daí essa pele, Wyman.

Hazelius sorriu. — O que ela quer dizer é: põe a mão sobre o leitor.

Ford colocou a mão sobre o vidro quente. Uma barra de luz percorreu-o desde o topo.

— Esperem enquanto confiro com o *man*.

Hazelius riu por entre dentes. — Gostas do nosso pequeno interface de segurança?

— Diferente.

— É a Isabella. A maior parte das vozes de computador é do tipo HAL, demasiado «classe média branca» para o meu gosto. — Reproduziu uma voz de branco encenada: — «*Por favor, ouça com atenção, uma vez que os itens do nosso menu foram alterados.*» A Isabella, pelo contrário, tem uma voz *real*. O nosso engenheiro, Ken Dolby, programou-a. Creio que arranjou uma cantora de *rap* qualquer para lhe emprestar a voz.

— Quem é a verdadeira Isabella?

— Não sei. O Ken é bastante misterioso em relação a isso.

A voz percorreu como mel. — O *man* diz que 'tá tudo na paz. Agora 'tás no sistema, por isso não metas o pé na argola.

As portas de metal abriram num rugido, revelando uma cabina de elevador que percorria a face da montanha. Uma pequena vigia mostrava a paisagem à medida que desciam. Quando o elevador parou, Isabella advertiu-os para terem cuidado com os seus movimentos.

Encontravam-se numa ampla plataforma ao ar livre, construída a partir da face do penhasco, em frente da colossal porta de titânio que Ford avistara do ar. Aparentava ter seis metros de largura e pelo menos doze de altura.

— Esta é a área de retenção. Outra bela vista, hem?

— Você devia construir condomínios.

— Esta era a abertura para o grande jazigo carbonífero de Wepo. Retiraram cinquenta milhões de toneladas de carvão só desta camada carbonífera, e deixaram gigantescas cavernas atrás. Uma instalação perfeita para nós. Foi crítico colocar a Isabella no subsolo profundo, de modo a proteger as pessoas da radiação quando a Isabella está a operar com a potência elevada.

Hazelius aproximou-se do portal de titânio situado no interior do penhasco. — A esta fortaleza damos o nome de *Bunker*.

— Preciso do teu número, docinho — disse Isabella.

Hazelius digitou uma série de números num pequeno teclado numérico.

Passado um momento, a voz anunciou: — Entrem, rapazes. — A porta começou a erguer-se.

— Porquê tanta segurança? — perguntou Ford.

— Temos um investimento de quarenta mil milhões de dólares para proteger. E muito do nosso *software* e *hardware* é confidencial.

A porta abriu numa ampla e ecoante caverna esculpida a pedra. Cheirava a pó e fumo, com um toque de bafio que lembrou a Ford a adega da sua avó. Era fresca e agradável, comparando com o calor do deserto que ficara para trás. A porta desceu ruidosa, e Ford pestanejou de modo a adaptar-se à iluminação de sódio. A caverna era colossal, possivelmente com cento e oitenta metros de profundidade e cento e cinquenta de altura. Mesmo em frente, no extremo da caverna, Ford descortinou uma porta oval, que dava para o interior de um túnel repleto de tubos em aço inoxidável, canos e feixes de cabos. Uma névoa de condensação era expelida da porta, inundando o chão em pequenos rios que se extinguíam. À esquerda, havia sido construída uma parede de blocos de cinza através de uma outra abertura na rocha, que continha uma porta de aço. Na porta lia-se SALA DE CONTROLO.

Ao longo do outro flanco da caverna estavam pilhas de caixas de aço, vigas em I, e outras sobras de materiais de construção, juntamente com máquinas pesadas e meia dúzia de carrinhos de golfe.

Hazelius pegou-lhe no braço. — À frente está a abertura oval para a Isabella propriamente dita. A névoa trata-se de condensação dos magnetos supercondutores. Têm de ser arrefecidos com hélio líquido próximo do zero absoluto para manter a supercondutividade. Aquele túnel desemboca no interior da mesa, formando um túnel com vinte e quatro quilómetros de diâmetro onde fazemos circular os dois feixes de partículas. Ali a frota de carrinhos de golfe elétricos serve para transporte. Agora vamos conhecer a malta.

Enquanto caminhavam sem pressa pela caverna, com os seus passos a ecoar no espaço semelhante ao de uma catedral, Ford perguntou casualmente: — Como é que estão a correr as coisas?

— Problemas — disse Hazelius. — Maldita coisa atrás de coisa maldita.

— De que tipo?

— *Software*, desta vez.

Aproximaram-se da porta onde se encontrava inscrito SALA DE CONTROLO. Hazelius abriu-a para Ford, desvendando um corredor de blocos de cinza pintado de verde-lodo e iluminado por tiras fluorescentes colocadas no teto.

— Segunda porta à direita. Aqui, deixa que eu abro.

Ford avançou para o interior de uma sala circular, reluzentemente iluminada. Enormes monitores de computador de painel plano alinhavam-se pelas paredes, conferindo ao compartimento a aparência de uma sala de controlo de uma nave espacial, com janelas a espreitar o vasto espaço. Os monitores não estavam a funcionar, e o movimento simultâneo de uma nave estelar, que servia de protetor de ecrã em todos eles, completava a ilusão de uma nave espacial a atravessar um campo de estrelas. Por baixo dos ecrãs dispunha-se uma quantidade imensa de painéis de controlo, consolas e estações de trabalho. A sala tinha um centro afundado, com uma cadeira giratória retrofuturista no meio.

A maioria dos cientistas havia feito uma pausa no seu trabalho para, com curiosidade, fixar a atenção em Ford. Chamou-lhe a atenção o seu aspeto fatigado, os seus rostos pálidos de criaturas das cavernas e as roupas amarrotadas que vestiam. Estavam com pior ar do que um grupo de estudantes universitários na difícil e derradeira fase dos exames finais. Os seus olhos instintivamente procuraram Kate Mercer, mas de imediato se censurou pelo seu interesse.

— Parece-te familiar? — inquiriu Hazelius, com um brilho de excitação no olhar.

Ford olhou em volta, surpreso. Parecia-lhe, de facto, familiar — e subitamente apercebeu-se porquê.

— Ir aonde nenhum homem ousou antes ir — disse.

Hazelius riu deleitado. — Exatamente isso! É uma réplica da sala de controlo da nave espacial original *Enterprise*, do *Star Trek: O Caminho das Estrelas*. Deu-se o caso de ter um *design* excelente para uma sala de controlo de um acelerador de partículas.

A ilusão de que esta era a sala de controlo da *U.S.S. Enterprise* era parcialmente estragada por um caixote do lixo do qual transbordavam latas de refrigerante e embalagens de piza congelada. Folhas e papéis de reбуçados encontravam-se espalhados pelo chão, e uma garrafa de *Veuve Clicquot* por abrir estava tombada contra a parede curva.

— Desculpa lá a desarrumação, estamos a acabar um ensaio. Só cerca de metade da equipa é que está aqui. Poderás conhecer o resto ao jantar. — Voltou-se para o grupo. — Senhoras e senhores, deixem-me que vos apresente o mais recente membro da nossa equipa, Wyman Ford. É o antropólogo que solicitei para servir de ligação com as comunidades locais.

Acenos de cabeça, murmúrios de saudação, um ou outro sorriso rápido — ele era pouco mais do que uma distração. Facto que não o incomodava.

— Vou só percorrer a sala e apresentar toda a gente rapidamente. Podemos conhecer-nos melhor ao jantar.

O grupo esperou aborrecido.

— Este é o Tony Wardlaw, o nosso oficial superior de informações. Está aqui para nos manter fora de sarilhos.

Um homem tão robusto quanto um bloco de talhante avançou. — Prazer em conhecê-lo. — Tinha um corte de cabelo à fuzileiro naval, rapado dos lados e atrás, postura militar, expressão séria — e o rosto pálido de exaustão. Tal como Ford antecipara, o aperto do homem tentou esmagar-lhe a mão. Esmagou de volta.

— Este é o George Innes, o psicólogo da nossa equipa. Coordena sessões de conversa semanais e ajuda-nos a manter a cabeça sã. Não sei onde estaríamos sem a sua presença estabilizadora.

Alguns soslaio trocados e olhos revirados indicaram a Ford onde os outros sentiam que estariam sem a presença de Innes. O aperto de mão de Innes foi frio e profissional, com a pressão e a duração apropriadas. Parecia vestido para sair, enfiado numas calças caqui *L. L. Bean*, meticulosamente passadas, e numa camisa axadrezada. Em forma, bem arranjado, aparentava ser daquele tipo de pessoa que julga que todo o homem, à exceção de ele próprio, tem problemas.

— Gosto em conhecer-te, Wyman — disse, espreitando sobre a armação dos seus óculos em tartaruga. — Imagino que te devas sentir um bocado como um novo aluno que entra na escola a meio do semestre.

— Sinto.

— Estou aqui se alguma vez sentires necessidade de falar.

— Obrigado.

Hazelius empurrou-o, com o braço, na direção de um jovem exaurido, na casa dos trinta e poucos, magro como um espeto, com longos e oleosos cabelos loiros. — Este é o Peter Volkonsky, o nosso engenheiro de *software*. O Peter vem de Ecatemburgo, na Rússia.

Volkonsky afastou-se relutantemente da consola sobre a qual se mantivera debruçado. Os seus olhos inquietos e maníacos vaguearam em redor da figura de Ford. Não estendeu a mão, limitou-se a anuir distraidamente, com um breve «Olá».

— Prazer em conhecer-te, Peter.

Volkonsky regressou ao teclado e retomou a sua digitação. As suas finas omoplatas sobressaíam como as de uma criança debaixo da t-shirt gasta.

— E este é o Ken Dolby, o nosso engenheiro-chefe e o criador da Isabella. Um dia haverá uma estátua dele no Instituto Smithsonian.

Dolby avançou a passos largos — corpulento, alto, amigável, afro-americano, talvez nos trinta e nove anos, com o ar descontraído de um surfista da Califórnia. Ford gostou dele imediatamente — o tipo de fulano pouco dado a disparates. Também ele parecia esgotado, com olhos vermelhos e inflamados. Estendeu a sua palma. — Bem-vindo — disse. — Espero que não te importes com o facto de não estarmos no nosso melhor. Alguns de nós estamos acordados há trinta e seis horas.

Avançaram. — E este é o Alan Edelstein — prosseguiu Hazelius —, o nosso matemático.

Um homem que Ford mal notara, sentado aparte dos outros, levantou os olhos do livro que estava a ler — *Finnegans Wake*, de Joyce. Ergueu um único dedo como forma de saudação, os olhos penetrantes fixos em Ford. O seu olhar malicioso sugeria um divertimento altivo em relação ao mundo.

— Que tal o livro? — perguntou Ford.

— Deveras viciante.

— O Alan é um homem de poucas palavras — disse Hazelius. — Mas fala a linguagem da Matemática com grande eloquência. Já para não falar dos seus poderes enquanto encantador de serpentes.

Edelstein demonstrou a sua gratidão pelo elogio inclinando a cabeça.

— Encantador de serpentes?

— O Alan tem um passatempo bastante controverso.

— Tem cascavéis como animais de estimação — comentou Innes. — Tem jeito para lidar com elas, ao que parece. — Disse-o com um tom facetado, mas Ford julgou detetar uma certa severidade na sua voz.

Sem desviar os olhos do seu livro, Edelstein disse: — As serpentes são interessantes e úteis. Comem ratazanas. Que, aliás, abundam por estas bandas. — Arremessou um olhar incisivo a Innes.

— O Alan faz-nos um serviço duplo — mencionou Hazelius. — As armadilhas Havahart que verá no Bunker e espalhadas pelas instalações mantêm-nos livres de roedores... e de hantavírus. Ele dá-os a comer às serpentes dele.

— Como se apanha uma cascavel? — perguntou Ford.

— Cuidadosamente — respondeu Innes por Edelstein, com um riso tenso, empurrando os óculos de volta ao topo do nariz.

Uma vez mais, os olhos escuros de Edelstein encontraram-se com os de Ford. — Se vires uma, avisa-me que eu mostro-te.

— Mal posso esperar.

— Excelente — disse Hazelius apressadamente. — Agora deixa-me que te apresente a Rae Chen, a nossa engenheira informática.

Uma mulher asiática que aparentava ser jovem o bastante para que se lhe pedisse a identificação pulou do seu assento e projetou a mão, com o seu cabelo negro até à cinta a balançar. Estava vestida como a típica aluna de Berkeley, numa t-shirt encardida com um símbolo da paz na parte da frente e calças de ganga remendada com pedaços de uma bandeira britânica.

— Ei, prazer em conhecer-te, Wyman. — Uma invulgar inteligência ocultava-se nos seus olhos pretos, assim como algo que se assemelhava a cautela. Ou se calhar tratava-se apenas do facto de ela, tal como os outros, parecer exausta.

— O prazer é todo meu.

— Bem, de volta ao trabalho — disse ela com uma vivacidade artificial, acenando com a cabeça ao seu computador.

— E está praticamente tudo — disse Hazelius. — Mas onde está a Kate? Pensava que estava a fazer aqueles cálculos da radiação de Hawking.

— Foi-se embora cedo — explicou Innes. — Disse que queria começar a fazer o jantar.

Hazelius deu uma volta e dirigiu-se à sua cadeira, dando-lhe uma palmada afetuosa. — Quando a Isabella está a funcionar, entramos no momento exato da criação. — Riu por entre os dentes. — Fico em pulgas quando me sento na minha cadeira à Capitão Kirk, vendo-nos ir aonde nenhum homem ousou antes ir.

Ford observou-o a instalar-se na sua cadeira, esticando as pernas com um sorriso, e pensou — ele é o único nesta sala que não tem um ar atormentado.





**D**omingo à noite, o Reverendo Don T. Spates adaptava o corpanzil à cadeira de maquilhagem de modo a não amarrotar as calças e a camisa de algodão italiana feita à mão. Uma vez acomodado, ajustou o seu traseiro grande, movendo-o de um lado para o outro com uma saraivada de rangidos e guinchos sobre o cabedal. Inclinou cuidadosamente a cabeça para trás contra o apoio destinado à cabeça. Wanda permanecia de um dos lados, segurando o penteador de barbeiro.

— Ponha-me impecável, Wanda — disse, fechando os olhos. — Este é um domingo importante. Um domingo *mesmo* importante.

— Vai ficar com um aspeto excelente, Reverendo — replicou Wanda, lançando rapidamente o penteador sobre ele e aconchegando-o em volta do pescoço. Em seguida, com um tranquilizador tinido de frascos, pentes e pincéis, pôs-se a trabalhar, prestando especial atenção às sardas do reverendo e às aglomerações araneiformes de varizes situadas nas bochechas e no nariz. Era boa no que fazia e sabia disso. Independentemente daquilo que os outros pudessem dizer, via no reverendo um homem impecável e bem-parecido.

As suas longas mãos brancas manobravam com uma economia hábil, velozes e precisas, mas as orelhas do reverendo constituíam sempre um desafio. Sobressaíam da cabeça um pouco em demasia, e tinham uma pele mais fina e vermelha do que a adjacente. Por vezes, enquanto caminhava para o palco, a luz do fundo apanhava-lhe as orelhas, transformando-as em vidro tingido a rosa. De modo a conferir-lhes o tom apropriado, cobria-as com uma densa base três tonalidades mais escura do que a da sua face, e ultimava o trabalho com uma camada de pó-de-arroz que as tornava virtualmente opacas.

Enquanto alisava, afagava, escovava e dava pancadinhas ao de leve, inspecionava o seu trabalho num monitor de vídeo, com as cores equilibradas, que exibia a imagem criada por uma câmara apontada no sentido do reverendo. Era essencial ver o resultado do seu ofício manual tal qual apareceria no ecrã — algo que parecesse perfeito ao olhar poderia surgir como uma lívida imagem de dois tons no monitor. Fazia-lhe este serviço duas vezes por semana: para o seu sermão televisionado de domingo e para o seu programa de entrevistas no Canal Cristão por Cabo de sexta-feira.

Sim, o reverendo era um homem impecável.

...

O Reverendo Don T. Spates sentia-se reconfortado e amimado pelo afã profissional que ela demonstrava. Fora um ano mau. Os seus inimigos andavam atrás dele para tramá-lo, distorcendo toda e qualquer palavra sua, atacando-o implacavelmente. Todos os sermões pareciam originar difamação por parte da esquerda ateuista. Era triste ver um homem de Deus atacado por falar a mera verdade. Claro, acontecera aquele infeliz incidente no motel com as duas prostitutas. Os ímpios mentirosos haviam tido um dia em grande à custa disso. Porém a carne é fraca — tal como a Bíblia confirma repetidas vezes. Aos olhos de Jesus, todos somos pecadores irremediáveis e reincidentes. Spates pedira e recebera o perdão de Deus. No entanto, o mundo hipócrita e malévolos foi perdendo devagar, se é que de facto perdoou.

— Está na altura de tratar dos seus dentes, Reverendo.

Spates abriu a boca e sentiu as suas habilidosas mãos a aplicar o fluido dental eburneo. Sob as cores vivas da câmara, fazia com que os seus dentes emitissem um brilho de branco perlado tão intenso quanto o das portas do paraíso.

Em seguida, tratou-lhe do cabelo, arranjando cuidadosamente o hirsuto e alaranjado capacete até que ficasse perfeito. Borrifou-o indiretamente com laca e lançou uma baforada de pó para suavizar a cor, transformando-a num ruivo mais respeitável.

— As suas mãos, Reverendo?

Spates tirou as mãos sardentas de baixo da capa e repousou-as num tabuleiro de manicura. Wanda apressou-se a trabalhá-las, aplicando uma base concebida para minimizar rugas e variações de cor. As mãos dele tinham de condizer com o rosto. Na verdade, Spates era particularmente insistente no que dizia respeito ao facto de as suas mãos ficarem perfeitas. Elas eram uma extensão da sua voz. Uma maquilhagem atamancada nesse local poderia arruinar o impacto da sua mensagem, dado que os planos aproximados da câmara sobre a colocação das mãos revelavam defeitos que passavam despercebidos aos olhos.

As mãos demoravam-lhe quinze minutos. Retirava sujidade do interior das unhas, aplicava verniz transparente, reparava irregularidades, lixava as unhas, limpava e retirava a pele em excesso, e, finalmente, cobria-as com uma tonalidade apropriada de base de maquilhagem.

Uma verificação final no monitor, uns pequenos retoques, e Wanda afastou-se.

— Tudo pronto, Reverendo. — Voltou o monitor no sentido dele.

Spates examinou-se no monitor — rosto, olhos, orelhas, lábios, dentes, mãos.

— Aquela marca no pescoço, Wanda? Deixaste escapar aquela marca... outra vez.

Uma rápida passagem com a esponja, um retoque com o pincel, e desapareceu. Spates grunhiu de satisfação.

Wanda retirou rapidamente a cobertura e afastou-se. Aparecendo através das cortinas de acesso aos bastidores, o assessor de Spates, Charles, precipitou-se segurando o casaco de fato do reverendo. Spates ergueu-se da cadeira e esticou os braços, após o que Charles lhe vestiu o casaco, esticou e desenrugou o tecido, lhe deu uma breve escovadela, deu volume às ombreiras, abanando-as, alisou e dobrou o colarinho, e ajustou a gravata.

— Que tal estão os sapatos, Charles?

Charles esfregou os sapatos umas quantas vezes com um pano de engraxar.

— Horas?

— Seis para as oito, Reverendo.

Anos atrás, Spates havia tido a ideia de agendar o seu sermão de domingo para o horário nobre, de modo a evitar a multidão matinal televangelista. Chamou-lhe *O Horário Nobre de Deus*. Todos previram que fracassaria, competindo com alguma das mais forte programação da semana. Em lugar disso, provara ser um golpe de génio.

Spates caminhou em passada larga desde o compartimento até as cortinas do palco, com Charles a segui-lo. À medida que se aproximava, conseguia ouvir o ruje-ruje e o murmúrio dos fiéis — milhares deles — enquanto ocupavam os seus lugares na Catedral de Prata, a partir de onde transmitia *O Horário Nobre de Deus* durante duas horas todos os domingos.

— Três minutos — murmurou-lhe Charles ao ouvido.

Spates inspirou imerso nas sombras das cortinas. A multidão silenciou-se no instante em que as indicações destinadas ao público começaram a desfilarem nos ecrãs e a hora marcada se aproximava.

Sentiu a glória de Deus a estimular o seu corpo com o Espírito Santo. Adorava este momento mesmo antes do sermão; era algo que não tinha paralelo neste mundo, uma vaga de fogo crescente, triunfo, e exultação antecipatória.

— Como estamos de assistência? — sussurrou a Charles.

— Cerca de sessenta por cento.

Uma lâmina fria apunhalou-lhe o coração da alegria que sentia. Sessenta por cento — na semana anterior havia sido de setenta por cento. Há apenas seis meses, as pessoas faziam fila para arranjar bilhete, domingo atrás de domingo, e tinham de ser mandadas embora. Mas desde o incidente no motel, os donativos feitos via televisão tinham decrescido para metade e as audiências haviam diminuído quarenta por cento. Os filhos da mãe

do Canal Cristão por Cabo estavam prestes a cancelar o seu programa de entrevistas *América à Mesa Redonda*. O Ministério do Horário Nobre de Deus avançava para a sua mais negra noite desde que ele o fundara numa JCPenney desocupada, trinta anos antes. Se não obtivesse uma infusão de dinheiro em breve, ver-se-ia forçado ao não cumprimento da entrega dos laços «Tenha uma Porção de Jesus» que vendera a centenas de milhares de paroquianos durante as transmissões, de modo a financiar o edifício da Catedral de Prata.

Os seus pensamentos recuaram até ao encontro que tivera com o lobista Booker Crawley nesse mesmo dia. Mas que sinal da graça de Deus o facto de a proposta de Crawley se lhe ter atravessado no caminho. Se gerida da forma mais acertada, esta poderia bem ser a solução de que andava à procura para rejuvenescer o ministério e galvanizar apoio financeiro. O debate evolução *versus* Criacionismo estava a ficar ultrapassado, e começava a tornar-se difícil atrair as pessoas com esse tópico — especialmente com tanta competição por parte de outros televangelistas. A questão de Crawley, pelo contrário, era fresca, era nova, e estava bem a jeito de ser tratada.

E aí não que não ia tratar dela — e já!

— Chegou a hora, Reverendo — apareceu, vinda de trás, a voz baixa de Charles.

As luzes aumentaram de intensidade e da multidão veio um bramido no instante em que o Reverendo Spates adentrou, em passo veloz, o palco, a cabeça curvada, as mãos erguidas e entrelaçadas, agitando-se ritmicamente.

— *O Horário Nobre de Deus!* — cantou sonoramente com a sua voz grave ricamente timbrada, cheia de vibrato. — *O Horário Nobre de Deus! A Glória d'O Horário Nobre de Deus Está Próxima!* — No centro do palco, parou repentinamente, levantou a cabeça, e esticou os braços na direção dos espetadores, como se a dirigir-lhes uma súplica. As pontas dos dedos tremiam-lhe. As suas palavras reboavam sobre a plateia.

— Saudações para todos vós, em honra do precioso Nome do nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo!

Ergueu-se um novo bramido na gigantesca Catedral de Prata. Elevou as mãos bem alto, palmas voltadas para cima, e o bramido prosseguiu — mantido com a ajuda dos incitadores. Baixou os braços, e o silêncio instalou-se uma vez mais, como se depois de um trovão.

Inclinou a cabeça em oração, e, em seguida, disse numa voz suave e humilde: — Onde dois ou três estiverem reunidos em Meu Nome, lá estarei.

Ergueu a cabeça devagar, preservando a imagem criada para o público, e falou no seu tom mais profundo, levantando um braço, centímetro a centímetro, prolongando ao máximo cada palavra.

— No princípio — entoou num registo vibrante —, Deus criou os céus e a terra. E a terra era informe, e vazia; e *as trevas* cobriam o abismo.

Pausou, inspirando dramaticamente. — E o Espírito de *Deus* movia-se sobre a superfície das águas.

A sua voz subitamente ressoou através da Catedral de Prata como as notas de um órgão. — E Deus disse: *Haja luz!*

Uma pancada dramática, e ele prosseguiu, no mais despojado sussurro: — E fez-se luz.

Avançou para o limite do palco e dirigiu um sorriso amável aos fiéis. — Todos nós conhecemos essas palavras iniciais do Génesis. Algumas das mais poderosas palavras jamais escritas. Ali não existe qualquer ambiguidade. Aquelas são as genuínas palavras de Deus, meus amigos. Deus explica-nos, nas Suas próprias palavras, como criou o universo.

Passeou-se despreocupadamente ao longo da extremidade do palco. — Meus amigos, surpreender-vos-ia se vos dissesse que o governo está a gastar os dólares que dais ao Estado, ganhos a custo, numa tentativa de provar que Deus está errado?

Voltou-se, contemplando o auditório silencioso.

— Não acreditam em mim?

Um murmúrio elevou-se do mar de rostos.

Sacou de um pedaço de papel do interior do bolso do seu casaco de fato e sacudiu-o no ar, a sua voz subitamente repleta de pujança. — Está aqui. Retirei-o da Internet há menos de uma hora.

Novo murmúrio.

— E o que fiquei eu a saber? Que o nosso governo gastou quarenta mil milhões de dólares para provar que o Génesis está errado: quarenta mil milhões de dólares do *vosso* dinheiro para atacar a mais sagrada Escritura do Velho Testamento. Sim, meus amigos, faz tudo parte da guerra humanista secular, patrocinada pelo governo, contra a Cristandade, e repugna.

Caminhou vagarosamente pelo palco. Agitou o papel no seu punho, fazendo crepitar.

— Aqui mesmo diz que construíram uma máquina chamada Isabella no deserto do Arizona. Muitos de vós ouviram falar nisso.

Um grande rumor de assentimento.

— Também eu ouvira falar nisso. Simplesmente pensei que seria mais uma operação de cosmética do governo. Só recentemente é que me foi dada a consciência do seu *propósito*.

Uma súbita interrupção na sua passada, e uma lenta volta para enfrentar o público.

— O seu *propósito*, meus amigos, consiste em investigar a designada teoria do *Big Bang*. Isso mesmo, ouvistes bem, de volta com a palavra «teoria»!

A sua voz estava eivada de desdém.

— A *teoria* do *Big Bang* reza assim: há treze mil milhões de anos, um minúsculo ponto no espaço explodiu e criou todo o universo... sem a ajuda de Deus. Escutastes-me bem: Criação sem Deus. Criação *a-te-ís-ti-ca*.

Pôs-se à espera enquanto um silêncio de incredulidade crescia. Agitou o papel uma vez mais. — É o que está escrito, minha gente! Todo um sítio da internet, centenas de páginas dedicadas a explicar a Criação do Universo, e nem uma única menção a Deus!

Um outro olhar atento pela sala.

— Esta teoria do *Big Bang* não é em nada diferente da *teoria* que diz que os nossos bisavôs eram macacos. Ou da *teoria* que diz que a complexidade da vida foi criada por uma reorganização acidental de moléculas numa poça de lama. Esta teoria do *Big Bang* não passa de mais uma teoria antifé, anticristã, humanística secular *em nada diferente da da evolução*, com a exceção de que esta é pior. *Muito, muito pior!*

Rotação, volta, passada.

— Porque *esta* teoria ataca precisamente a noção de que Deus criou o universo. Nada de equívocos: *Isabella é um ataque direto à fé cristã*. A teoria do *Big Bang* diz que este nosso universo *belo, primoroso, dado por Deus* aconteceu por si só, por puro acidente, há treze mil milhões de anos. E como se essa teoria de aversão cristã não bastasse, agora querem gastar quarenta mil milhões de dólares do *nosso* dinheiro para prová-lo!

Varreu a audiência com um olhar feroz.

— E que tal se pedíssemos aos homens sábios de Washington um tempo idêntico? E se lhes pedíssemos quarenta mil milhões de dólares *para provar a Verdade do Génesis*? Que tal seria? Os liberais profissionais do ódio a Jesus em Washington rangeriam os dentes e espumariam pela boca! Viriam logo com aquela velha história da separação entre Igreja e Estado! Estes são os sujeitos que baniram Jesus das salas de aula, tiraram os Dez Mandamentos das nossas salas de audiências, proscreveram árvores de Natal e presépios, troçaram e cuspiram nas nossas crenças — e depois estes mesmos humanistas seculares não veem problema algum em gastar o *nosso* dinheiro para provar que a Bíblia está errada, para *fazer da nossa fé cristã uma mentira!*

A algazarra intensificou-se. Algumas pessoas levantaram-se, depois mais, depois toda a congregação. Encapelaram-se como um tsunâmi, as suas vozes fundindo-se num único rugido de reprovação.

Os incitadores, agora dispensáveis, permaneceram quietos.

— Isto é uma *guerra* contra a Cristandade, meus amigos! É uma guerra até ao fim, e eles estão a cobrar-nos impostos para fazê-la! *Vamos permitir que cusпам em Cristo e nos cobrem o privilégio?*

O Reverendo Don T. Spates estacou no centro do palco, respirando pesadamente, lançando um olhar quieto sobre a plateia fervente na Catedral de Virginia Beach, pasmado com o efeito das suas palavras. Era capaz de escutar, era capaz de ver, era capaz de *sentir* — a agitação frenética, a expansão de uma cólera justificada, o próprio ar a estalar com a eletricidade da indignação. Mal podia acreditar. Passara a vida a atirar pedras, e subitamente havia lançado uma granada. Esta era a solução pela qual vinha rezando, esperando, procurando.

— Louvados sejam Deus e Jesus! — gritou, arremessando os braços ao céu e erguendo os olhos no sentido do teto reluzente. Caiu sobre os joelhos numa oração estrepitosa e trémula. — Senhor meu, Jesus Cristo, com a Vossa ajuda, poremos fim a este insulto para com o Vosso Pai. Destruiremos aquela máquina infernal que se encontra naquele medonho deserto. Poremos fim a esta blasfémia contra Vós, que dá pelo nome de Isabella!



A um quarto para as oito, Wyman Ford saiu da casita de duas assoalhadas e deteve-se no limite da rampa de entrada, inalando o fragrante ar noturno. As janelas do refeitório eram retângulos de amarelo flutuando na escuridão. Acima do silvo dos aspersores situados no campo de jogos, conseguia escutar os sons vagos de uma melodia de *boogie-woogie*, tocada ao piano, e o murmúrio de vozes. Não se sentia capaz de imaginar Kate de modo algum diferente da aluna de licenciatura irreverente, fumadora de marijuana, contestatária que conhecera. Mas ela devia ter mudado — muito — para se tornar subdiretora da mais importante experiência científica na história da Física.

A sua mente parecia deslizar naturalmente para memórias dela e do tempo que haviam passado juntos, pensamentos que tinham a desafortunada tendência para se tornarem desaconselháveis a menores. Rapidamente tratou de empurrá-los de volta para o id da mente de onde haviam brotado. Este não era, pensou, um modo responsável de principiar uma investigação.

Contornou os aspersores, alcançou a porta principal do velho entreposto comercial feito de toros, e entrou. Luz e música espalhavam-se a partir uma ludoteca à sua direita. Entrou. As pessoas jogavam às cartas ou xadrez, liam, trabalhavam em computadores portáteis. Longe da Sala de Controlo, pareciam quase relaxadas.

Era o próprio Hazelius quem se encontrava sentado ao piano. Os seus dedos minúsculos saltitaram pelas teclas por mais uns quantos compassos e depois levantou-se. — Wyman, seja bem-vindo! O jantar acaba de ficar pronto. — Encontrou-se com Ford a meio da sala, pegou-o pelo braço, e conduziu-o ao refeitório. As restantes pessoas começaram a levantar-se e a segui-los.

Uma mesa em pinho maciço ornada com velas, prataria e viçosas flores silvestres dominava o refeitório. Uma fogueira ardia numa lareira de pedra. Tapetes navajos pendiam das paredes; o estilo de Nakai Rock, intuiu Ford a partir dos desenhos geométricos. Várias garrafas de vinho encontravam-se abertas, e o cheiro a bife grelhado deslizava suavemente pelo ar a partir da cozinha.

Hazelius assumiu a função de anfitrião amável, encaminhando as pessoas para os seus lugares, rindo, gracejando. Conduziu Ford



a um lugar na parte central, junto de uma esbelta e elegante mulher loira.

— Melissa? Este é o Wyman Ford, o nosso novo antropólogo. Esta é a Melissa Corcoran, a nossa cosmologista.

Deram um aperto de mão. Uma massa de cabelo loiro denso tombava-lhe em volta dos ombros, e os seus olhos de um verde pálido, da cor do espelho do mar, voltaram-se, curiosos, para ele. Uma pequena quantidade de sardas cobria um nariz arrebitado; um colete índio, coberto de contas, simultaneamente elegante e simples, realçava-lhe as calças e a camisa. Mas também os olhos de Corcoran estavam tenuemente raiados de sangue e rodeados por um risco vermelho.

O lugar diante dele estava desocupado.

— Antes de te meteres com o Wyman — disse Hazelius a Corcoran —, gostava de acabar de o apresentar àqueles que ainda não o conheceram.

— Força.

— Esta é a Julie Thibodeaux, a nossa especialista em Eletrodinâmica Quântica.

Uma mulher no lado oposto àquele em que Ford se encontrava sentado disse-lhe um olá seco antes de regressar a um monólogo lamuriento dirigido ao homem de cabelos brancos, a lembrar um duende, que se sentava junto dela. Thibodeaux parecia enquadrar-se no estereótipo da mulher cientista: desleixada, com excesso de peso, enfiada numa bata suja, cabelo curto viscoso por falta de lavagem. Um conjunto de canetas num protetor de bolso plástico completava a caricatura. A ficha dela dizia que sofria de algo chamado «distúrbio de personalidade *borderline*». Ford tinha curiosidade em ver de que maneira se manifestava aquilo.

— O cavalheiro que está a falar com a Julie é o Harlan St. Vincent, nosso engenheiro eletrotécnico. Quando a Isabella está a funcionar na força máxima, o Harlan põe os novecentos megawatts de eletricidade a jorrar como as Cataratas do Niágara.

St. Vincent pôs-se em pé e estendeu a mão através da mesa. — Prazer em conhecer-te, Wyman. — Quando voltou a sentar-se, Thibodeaux prosseguiu com a sua disquisição, que parecia implicar um condensado de Bose-Einstein.

— O Michael Cecchini, nosso físico de partículas que trabalha com base no Modelo Padrão, é o cavalheiro na extremidade.

Um homem de estatura baixa e pele escura ergueu-se, e estendeu a mão. Ford apertou-a, fulminado pelos seus estranhamente planos e opacos olhos verdes. O homem parecia morto por dentro — e o aperto de mão possuía qualidade idêntica: frio e sem energia. E no entanto, como que a desafiar o nihilismo no centro da sua existência, Cecchini fora meticulosamente cui-

dadoso em relação ao que vestia; a sua camisa era de um branco tão vívido que feria os olhos, nas suas calças compridas e largas prolongava-se um vinco bem marcado, e o seu cabelo possuía um risco de uma precisão militar, para além de estar tratado ao nível da perfeição. Mesmo as suas mãos estavam imaculadas, tão macias e limpas quanto uma porção de massa es-palmada, as unhas limadas e polidas ao ponto de um brilho intenso. Ford captou um odor ténue de uma loção de barba cara. Porém, nada era capaz de encobrir por completo a baforada de desespero existencial que dele emanava.

Hazelius pôs fim às apresentações e desapareceu para o interior da cozinha, e o nível de ruído aumentou.

Ford ainda não havia sido apresentado a Kate. Perguntava-se se isso seria uma coincidência.

— Acho que nunca tinha conhecido um antropólogo — disse Melissa Corcoran, dirigindo-se a ele.

Voltou-se. — E eu nunca conheci um cosmologista.

— Ficarias surpreendido com a quantidade de pessoas que julga que arranjo o cabelo e as unhas. — O seu sorriso parecia-se com um convite. — O que é que vais fazer aqui ao certo?

— Conhecer os habitantes locais. Explicar-lhes o que se está a passar.

— Ah, mas *tu* sabes o que se está a passar? — A voz dela assumira um tom provocador.

— Talvez tu me venhas a dar uma ajuda.

Sorrindo, a mulher estendeu o braço sobre a mesa e agarrou uma garrafa. — Vinho?

— Obrigado.

Examinou o rótulo. — Villa di Capezzana, Carmignano, 2000. Não faço a menor ideia do que seja, mas é bom. O George Innes é o nosso perito em vinhos. George? Fala-nos deste vinho.

Innes interrompeu uma conversa na outra extremidade da mesa, um sorriso de prazer iluminou-lhe o rosto. Encaixou os óculos no topo do nariz. — Tive a sorte de conseguir esse vinho — esta noite queria servir uma coisa especial. O Capezzana é um dos meus favoritos, oriundo de uma velha herdade nas colinas a oeste de Florença. Foi o primeiro vinho DOC<sup>8</sup> a permitir o uso da *cabernet sauvignon* na mistura. Exibe uma boa cor, aromas de groselha vermelha e preta em combinação com cerejas, e boa profundidade de fruta.

Corcoran voltou a inclinar-se na direcção de Ford ostentando um sorriso afetado. — O George é um abominável snobe em relação aos vinhos

---

<sup>8</sup> Denominação de Origem Controlada. (*N. do T.*)

— disse ela, vertendo uma porção generosa para o interior do copo, e reenchendo, de seguida, o seu. Ergueu-o. — Bem-vindo a Red Mesa. Um sítio horrível.

— Então porquê?

— Trouxe a minha gata — não conseguia aguentar ficar separada dela. Dois dias depois de termos chegado, escutei um uivo e vi um coiote a fugir com ela.

— Que horror.

— Eles estão por todo o lado, essas bestas tinosas e sorradeiras. Depois há as tarântulas, os escorpiões, os ursos, os lince ruivos, os porcos-espinhos, as doninhas fedorentas, as cascavéis e as viúvas negras. — Pronunciar as palavras era algo que parecia agradá-la. — Detesto este lugar — disse com entusiasmo.

Ford sorriu com aquilo que ele esperava assemelhar-se a embaraço e fez a pergunta mais tonta que lhe ocorreu. Não havia qualquer utilidade em as pessoas acharem que ele era inteligente. — Então, qual é a função do Isabella? Não passo de um simples antropólogo.

— Em teoria, é bastante simples. A Isabella faz colidir partículas subatómicas quase à velocidade da luz, de forma a recriar as condições de energia do *Big Bang*. É como um dérbi de demolição<sup>9</sup>. Dois feixes de partículas independentes aceleram em direções opostas num gigantesco tubo circular com setenta e cinco quilómetros de perímetro. As partículas andam cada vez mais depressa, volta atrás de volta dentro do anel, até atingirem os noventa e nova vírgula noventa e nove por cento da velocidade da luz em direções opostas. A diversão começa quando os fazemos entrar em contacto através de uma colisão frontal. Desse modo recriamos a violência do próprio *Big Bang*.

— Que tipos de partículas é que fazem colidir?

— Matéria e antimatéria — prótons e antiprótons. Quando se juntam... pum! É igual a  $mc^2$  ao quadrado. A explosão súbita de energia cria um borrifo de todos os tipos de partículas diferentes. O borrifo é apanhado pelos detetores e então podemos compreender o que cada partícula é e de que modo foi criada.

— Onde arranjam antimatéria?

— Fazemos um pedido de encomenda a Washington.

Ford sorriu. — É eu que pensava que eles só tinham buracos negros.

— Agora falando a sério, criamos a nossa própria antimatéria no local

---

<sup>9</sup> Desporto motorizado de origem norte-americana que tem como cenário uma arena onde diferentes carros colidem entre si. O último condutor cujo veículo permanece operacional é ditado vencedor. (*N. do T.*)

bombardeando uma folha de ouro com partículas alfa. Recolhemos os antiprotões num anel secundário, e depois introduzimo-los no anel principal conforme for necessário.

— E onde entra a parte da Cosmologia? — inquiriu Ford.

— Estou aqui para estudar coisas escuras! — Revirou os olhos acentuadamente. — Matéria escura e energia escura. — Outro gole de vinho.

— Soa assustador.

Ela riu-se. Ele observou os seus olhos verdes percorrendo-o, perscrutadoramente, num jeito franco, e perguntou-se que idade teria ela. Trinta e três? Quatro?

— Há cerca de trinta anos, os astrónomos começaram a aperceber-se de que a maior parte da matéria no universo não correspondia às coisas comuns que se podiam ver e tocar. Deram-lhe o nome de matéria escura. Ao que parece, a matéria escura está por todo o lado à nossa volta, invisível, passando por nós sem ser detetada, como um universo fantasma. As galáxias situam-se no meio de gigantescas acumulações de matéria escura. Não sabemos o que é, por que existe, ou de onde veio. Dado que a matéria escura deverá ter sido criada juntamente com a matéria normal durante o *Big Bang*, espero utilizar a Isabella para produzir alguma.

— E a energia escura?

— Coisa encantadora e medonha. Em 1999, os cosmologistas descobriram que um campo de energia desconhecido qualquer estava a fazer com que o universo se expandisse, cada vez mais depressa, enchendo-o como se se tratasse de um balão gigante. Apelidaram-na de energia escura. Ninguém faz a *menor* ideia do que é ou de onde vem. Parece ser malévola.

Do outro lado da mesa, Volkonsky resmungou, a sua voz pôs-se estridente. — Malévola? Universo ser indiferente. Não querer saber nós para nada.

— O que é facto é que — disse Corcoran — a energia escura acabará por destruir o universo... na Grande Rutura.

— Grande Rutura? — Até agora, Ford fingira ignorância, porém a Grande Rutura constituía novidade para ele.

— É a mais recente teoria do destino do universo. Muito em breve, a expansão do universo irá tornar-se tão rápida que as galáxias serão estraçalhadas, depois as estrelas, os planetas, tu e eu... até aos próprios átomos. Tudo arrasado, puf! A existência chegará a um fim. Escrevi o artigo acerca disso na Wikipédia. Dá uma vista de olhos.

Sorveu mais um trago, e Ford notou que ela não era a única a desfrutar do vinho. As conversas em redor deles tinham aumentado de volume, e já havia meia dúzia de garrafas vazias.

— Disseste «muito em breve»?

— Daqui a não mais do que vinte, vinte e cinco mil milhões de anos.

— *Em breve* depender perspetiva — pronunciou Volkonsky com uma risada severa.

Corcoran disse: — Nós, cosmologistas, vemos as coisas a longo prazo.

— E nós, cientistas informáticos, vemos coisas curto prazo. Tipo milissegundos curto.

— Milissegundos? — replicou Thibodeaux com desdém. — O meu trabalho em eletrodinâmica quântica lida com fentossegundos.

Hazelius saiu da cozinha, trazendo consigo uma travessa cheia de medalhões de lombo de vaca. Pousou-a num coro de aprovação por parte da mesa.

Kate Mercer apareceu a seguir a ele, transportando uma taça de batatas fritas. Sem olhar na direção de Ford, colocou-a sobre a mesa e sumiu-se, regressando à cozinha.

Nada do que Ford pudesse ter imaginado o havia preparado para este primeiro vislumbre dela desde a sua separação. Aos trinta e cinco era ainda mais bonita do que fora aos vinte e três — exceção feita ao facto de a sua longa e indisciplinada cascata de cabelo preto ser agora curta e sofisticada; a descuidada estudante universitária em calças de ganga e camisas de homem de tamanho exagerado havia crescido. Tinham-se passado doze anos desde a última vez que a vira — mas a sensação era a de que fora há apenas escassos dias.

Sentiu um pequeno toque de um cotovelo nas suas costelas e, voltando-se, viu Corcoran estender a bandeja. — Espero que não sejas vegetariano, Wyman.

— De todo. — Escolheu uma porção que vertia sangue e passou a travessa, fazendo por parecer relaxado. O aparecimento de Kate pusera-o nervoso.

— Não penses que comemos assim todas as noites — disse ela. — A tua chegada torna a ocasião especial.

Escutou-se o tinido de uma colher a bater em vidro e Hazelius levantou-se, segurando o seu copo de vinho. A conversa parou.

— Preparei um pequeno brinde de boas-vindas. — Olhou em redor. — *Então* onde está a nossa subdiretora?

A porta de acesso à cozinha abriu-se e Kate surgiu apressadamente, sentando-se com toda a ligeireza junto de Ford, de olhos fixos na mesa.

— Estava mesmo agora a dizer que queria fazer um brinde de boas-vindas ao mais recente membro da nossa equipa: Wyman Ford.

Ford manteve a atenção em Hazelius enquanto absorvia a presença fina de Kate junto de si, o calor do seu corpo, o seu perfume.

— Como a maior parte de vocês sabe, o Wyman é antropólogo e o seu

campo de estudo é a natureza humana — uma matéria bem mais complexa do que qualquer uma daquelas em que estamos a trabalhar. — Ergueu o copo. — Espero ansiosamente vir a conhecer-te melhor, Wyman. Um abraço muito, *muito* caloroso de boas-vindas por parte de todos nós.

Uma salva de palmas.

— E agora, antes de me sentar, gostava de dizer algumas palavras acerca da nossa desilusão de ontem à noite... — Fez uma pausa. — Estamos a travar uma luta que se tem prolongado desde que o ser humano contemplou pela primeira vez as estrelas e perguntou a si mesmo o que seriam. A procura da verdade é o maior de todos os esforços humanos. Desde a descoberta do fogo até à descoberta do *quark*, esta é a verdadeira *essência* do que significa ser-se humano. Nós — os treze que aqui estamos — somos os verdadeiros herdeiros de Prometeu, que roubou o fogo dos deuses e o ofereceu à humanidade.

Interrompeu dramaticamente a fala.

— Vocês sabem o que aconteceu a Prometeu. Como forma de castigo, os deuses acorrentaram-no a uma rocha para a eternidade. Todos os dias, uma águia desce, rasga-lhe a ilharga, e devora-lhe o fígado. Mas porque ele é imortal, não pode morrer, e tem de suportar a tortura para sempre.

O silêncio na sala era tal que Ford conseguia ouvir o crepitar do fogo na lareira.

— A procura da verdade é algo de muito, *muito* difícil, tal como temos vindo a descobrir. — Hazelius elevou o copo. — Aos herdeiros de Prometeu.

As pessoas beberam solenemente na sequência do brinde.

— O nosso próximo ensaio começará na quarta-feira, ao meio-dia. A partir deste momento até essa altura quero que cada um de vocês concentre todas as células do vosso ser na tarefa que temos em mãos.

Sentou-se. As pessoas pegaram nos seus garfos e facas, e a conversa foi gradualmente retomada.

Quando as vozes se haviam tornado suficientemente ruidosas, Ford disse baixinho: — Olá, Kate.

— Olá, Wyman. — Exibia um olhar reservado. — Isto é, no mínimo, uma surpresa.

— Estás com bom aspeto.

— Obrigada.

— Subdiretora... Um feito e peras. — Sentira-se um *voyeur* ao ler o dossiê dela. Mas não conseguira deixar de fazê-lo — intrigara-o. Ela havia tido uma vida instável desde a sua separação.

— E tu — o que aconteceu à tua carreira na CIA?

— Desisti.

— E agora és antropólogo?

— Sim.

Calaram-se os dois. O som da voz dela, a sua cadência musical com um discreta insinuação de ceceio, abalava-o ainda mais do que a sua aparência. Rapidamente se viu inundado por uma enchente de memórias. A reação era absurda — tinham-se separado há muito. Desde então ele tivera meia dúzia de relacionamentos e um casamento. Tão-pouco fora uma separação — nada de «vamos ser só amigos». Haviam dito coisas imperdoáveis um ao outro.

Kate virara-se e estava a falar com outra pessoa. Ele bebeu um trago do seu vinho, perdido em meditações. A mente recuou-lhe até à altura em que a vira pela primeira vez no MIT. Num início de tarde, andava à procura de um recanto sossegado para ler nos fundos da Barker Engineering Library quando deparou com uma mulher a dormir debaixo de uma mesa — uma visão não invulgar. A face direita repousava sobre a mão; o outro braço alongava-se sobre a saia. O cabelo longo e lustroso abria-se em leque no tapete. Era delgada e esbelta, com os traços finos e delicados comumente vistos em pessoas de ascendência simultaneamente asiática e caucasiana. Assemelhava-se a uma gazela adormecida. A concavidade pálida na base do seu pescoço curvo, junto à clavícula, revelou-se-lhe como a coisa mais erótica que jamais tinha visto. Os seus olhos demoraram-se nela, absorvendo descaradamente cada detalhe erótico daquele corpo que dormia. Não parecia capaz de sair dali. Simplesmente pasmava a vista.

Uma mosca roçou-lhe a face. A sua cabeça agitou-se bruscamente, e aqueles olhos cor de mogno abriram-se num repente, fixando-se nele. Sentiu-se apanhado.

Ela corou e, arrastando-se acanhada, saiu de baixo da mesa. — Qual é o teu problema?

Murmurou qualquer coisa sobre ter querido certificar-se de que ela estava bem.

Ela amoleceu, embaraçada. — Devia estar com um aspeto meio esquisito, deitada no chão. Normalmente não há ninguém por perto a esta hora do dia. Posso dormir dez minutos e acordar revigorada.

O seu único interesse nela, assegurou-a novamente, prendera-se com a preocupação em relação à sua saúde. Ela fez um comentário casual sobre precisar de um café expresso duplo antes de se atirar aos livros. Ele disse que um café também lhe vinha a calhar — e assim aconteceu o seu primeiro encontro.

Eram imensamente diferentes. Aí estava parte do encanto. Ela era da classe trabalhadora de cidade pequena, ele da elite da grande cidade. Ela gostava de Blondie; ele gostava de Bach. Ela por vezes fumava erva, algo

que ele achava roçar o escandaloso. Ele era católico; ela era uma atea veemente. Ele vivia em controle; ela era imprevisível, espontânea, mesmo selvagem. No seu segundo encontro, foi ela quem tomou a iniciativa de aproximação. Acima de tudo isso, ela era academicamente brilhante — talvez mesmo genial. Era de tal modo inteligente que ele se sentia amedrontado e excitado ao mesmo tempo. Mesmo fora da Física, tinha uma pujança fanática para compreender a natureza humana. Era ferozmente partidária, indignada perante a injustiça do mundo, signatária de petições, participante em marchas, e autora de cartas ao diretor. Lembrava-se das suas discussões sobre política e religião que se prolongavam até ao romper do dia, e de quão surpreendido se sentia perante o seu conhecimento da psicologia humana, apesar do sentimentalismo à flor da pele patente nas suas visões.

A sua decisão de integrar a CIA havia posto fim à sua relação. Para ela, ou se era um dos bons da fita ou não se era. A CIA entrava definitivamente na segunda categoria. Chamava-lhe o Conselho de Indução da Adversidade — e isto quando estava a ser cortês.

— Então, Wyman — disse Kate —, o que te levou a desistir?

— O quê? — Ford regressou ao presente.

— A tua carreira na CIA. O que aconteceu?

Ford desejou poder obrigar-se a dizê-lo: *Porque a minha mulher foi vítima de um carro armadilhado enquanto estávamos a trabalhar sob disfarce.*

— Não deu certo — respondeu de modo pouco convincente.

— Estou a ver. Será... será demasiado esperar que as tuas visões tenham mudado?

*Será demasiado esperar que as tuas tenham mudado?*, pensou Ford, mas deixou que o pensamento passasse. Era tão típico dela: ir diretamente ao âmago da questão, e que se lixasse a que custo. Adorara essa parte dela, e detestara-a.

— O jantar está com ótimo aspeto — disse ele, procurando manter as coisas amenas. — Segundo me lembro, eras a imperatriz do microondas.

— A comida de plástico estava a pôr-me gorda.

Uma vez mais, silêncio.

Ford sentiu uma leve cotovelada nas suas costelas, vinda da direção oposta. Melissa Corcoran segurava uma garrafa, oferecendo-se para lhe re-encher o copo. Parecia estar corada.

— O bife está perfeito —, disse ela. — Belo trabalho, Kate.

— Obrigada.

— Mal passado — exatamente como eu gosto. Mas, ei — disse ela, gesticulando no sentido do prato de Ford —, tu não tocaste no teu!



Ford comeu um pedaço, todavia perdera o apetite.

— Aposto que a Kate te tem estado a contar tudo sobre a teoria das cordas. É uma cena muito porreira — mesmo que não passe de pura especulação.

— Nada que se pareça com a energia escura — disse Kate, com uma ligeira irritação na voz.

Ford imediatamente intuiu um historial entre estas duas mulheres.

— A energia escura — disse Corcoran friamente — foi descoberta experimentalmente. Através da *observação*. O problema em relação à teoria das cordas é precisamente o oposto — apenas existe como uma série de equações sem quaisquer previsões testáveis. Em rigor, não é ciência.

Volkonsky inclinou-se sobre a mesa, e Ford levou com uma baforada de fumo bafiento de cigarro. — Energia escura, cordas, pfff! Quem querer saber disso? Eu quer saber o que antropologista faz.

Ford sentiu-se aliviado com a distração. — Vamos viver com uma tribo remota e fazemos montes de perguntas estúpidas.

— Ha-ha! — disse Volkonsky. — Talvez teres ouvido, os peles-vermelhas virem à Red Mesa. Esperar não ser festa de escalpamento! — Solto um grito índio e olhou em volta à espera de louvor.

— Isso não tem graça — replicou Corcoran asperamente.

— Sossegar os cavalos, Melissa — ripostou Volkonsky, enristando o queixo, o tufo de pêlo nele encaixado a tremular com uma fúria súbita. — Não vir com o PC<sup>10</sup> para cima de mim.

Corcoran voltou-se para Ford. — Não há nada a fazer. Ele é doutorado em cus de cavalos.

*Mais historial*, pensou Ford. Teria de usar da prudência para evitar ser atingido no meio do fogo cruzado até ao momento em que descobrisse exatamente onde cada um deles se situava em relação aos restantes.

Volkonsky disse: — Penso Melissa beber o vinho um pouco bem de mais este noite. Como costume.

— *Da*<sup>11</sup>, cleeeero — pronunciou arrastadamente, numa devastadora imitação da pronúncia de Volkonsky. — Melhor eu emborca vodcas como tu, noite dientro! — Ergueu o copo — *Za vas!*<sup>12</sup> — e entornou o vinho goela abaixo.

— Ora, se me for permitido interromper por um segundo — interveio Innes, a sua voz empolada de profissionalismo. — Embora seja bom que libertemos os nossos sentimentos, sugeriria...

---

<sup>10</sup> «Politicamente Correto». (*N. do T.*)

<sup>11</sup> «À vossa», em russo.

<sup>12</sup> «Sim», em russo.

Hazelius acenou-lhe de modo a que este se calasse e olhou com firmeza para Volkonsky e Corcoran, alternadamente, a tensão do seu olhar fixo a induzir silêncio. Volkonsky sentou-se, o canto da boca a retorcer-se. Corcoran cruzou os braços.

Hazelius permitiu que o embaraço se instalasse antes de dizer: — Estamos todos um bocado cansados e desanimados. — O tom da sua voz era baixo e calmo. No silêncio, a fogueira crepitava. — Certo, Peter?

Volkonsky nada disse.

— Melissa?

O rosto dela estava vermelho. Anuiu concisamente com a cabeça.

— Simplesmente esqueçam... Calma... Perdão e moderação... A bem do nosso trabalho.

A sua voz era calma, tranquilizadora, com um timbre rítmico, hipnótico — como a de um domador a amansar um cavalo assustado. Contrariamente à de Innes, não possuía qualquer indício de condescendência.

— Isso mesmo — disse Innes, intrometendo-se, a sua voz a estilhaçar a extraordinária serenidade que Hazelius havia criado. — Absolutamente. Isto foi uma interação saudável. Podemos expor algumas destas mesmas questões na próxima reunião de grupo. Tal como disse, é bom libertar estas questões.

Volkonsky levantou-se tão abruptamente que tombou a cadeira. Amarfanhou o guardanapo e arremessou-o sobre a mesa. — Que se lixe reunião grupo. Ter trabalho para fazer.

A porta fechou-se com estrondo no instante em que saiu.

Ninguém falou. O único ruído que se escutou foi o do rumor de papel no momento em que Edelstein, tendo terminado o seu jantar, voltava mais uma página de *Finnegans Wake*.



O pastor Russ Eddy saiu da caravana, lançou uma toalha sobre os ombros esqueléticos e deteve a sua marcha no terreiro. A segunda-feira amanhecera límpida e luminosa para a missão. O Sol nascente arremessava uma luz áurea através do vale arenoso, dourando os ramos do choupo morto junto da pequena rulote. Atrás, a Red Mesa erguia-se desmesuradamente no horizonte, um pilar de fogo no Sol da madrugada.

Olhou para o céu, juntou as palmas, fez uma vénia, e disse, com a voz distinta e enfática: — Obrigado, Senhor, por este dia.

Após um momento de silêncio, arrastou os pés até à bomba *Red Jacket* situada no seu jardim da frente e lançou a toalha sobre um velho poste destinado a prender cavalos. Empreendeu na picota uma dúzia de movimentos enérgicos e chiantes. Uma torrente de água fria jorrou para o interior de um lavadouro galvanizado que se encontrava em baixo. Russ atirou uma mão cheia à sua cara, deixou cair um sabonete na água, ensaboou-se, fez a barba, e escovou os dentes. Lavou a cara e os braços, lançou mais água de encontro ao rosto e a peito côncavo, sacou a toalha do poste, e secou-se vigorosamente. Depois, inspecionou-se no espelho que pendia de um prego enferrujado colocado no poste da vedação. O seu rosto era pequeno, da cabeça despontavam finos tufos de cabelo. Odiava o seu corpo; parecia um passarinho vacilante. Muito tempo atrás, o médico dissera à sua mãe que se tratava de um «atraso na progressão do crescimento». A pressuposição de que esta fraqueza física era, de algum modo, culpa sua, um fracasso pessoal, ainda pairava no seu pensamento.

Penteou o cabelo cuidadosamente de modo a tapar as partes mais ralas, fez caretas, inspecionou os dentes tortos que nunca teve dinheiro para corrigir. Por uma qualquer razão que não sabia explicar, foi tomado pela memória do seu filho, Luke — por esta altura teria onze anos —, e o sentimento de angústia intensificou-se. Há seis anos que não via Luke, durante todo esse tempo obrigado a uma pensão de alimentos que não tinha quaisquer possibilidades de pagar. Uma visão súbita do rapaz iluminou-se-lhe na mente — a forma como corria todo descarnado através de um aspersor num dia quente de Verão... A memória era como que uma faca a cortar-lhe a garganta — a maneira como vira uma mulher navaja cortar a garganta de um cordeiro, que se debatia e lamuriava, ainda vivo mas já morto.

Estremeceu, pensando nas injustiças da vida, nos seus problemas de dinheiro, na infidelidade da mulher, no divórcio. Havia sido vítima vezes sem conta, sem qualquer culpa da sua parte. Viera para a Reserva munido apenas da fé e dois caixotes de livros. Deus estava a testar a sua fé através de uma existência miserável e uma constante escassez de dinheiro. Eddy detestava dever dinheiro por toda a parte, especialmente aos índios. Porém o Senhor por certo saberia o que estava a fazer, e Eddy ia construindo lentamente a sua congregação, mesmo apesar de os fiéis parecerem mais interessados nas roupas que oferecia do que no sermão. Nenhum deles, em circunstância alguma, colocara mais do que alguns dólares no cesto da coleta — algumas semanas continha apenas vinte dólares. E muitos deles iam à missa da Missão Católica para se abastecerem de óculos e medicamentos gratuitos, ou à da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, em Rough Rock, por causa do banco alimentar. Era esse o problema em relação aos navajos: não eram capazes de distinguir a voz de Mamona da voz de Deus.

Parou por um momento para olhar em redor à procura de Lorenzo, mas o seu ajudante navajo ainda não havia aparecido. Ao pensar em Lorenzo, enrubescou. A bandeja da coleta desaparecera pela terceira vez, e agora não tinha quaisquer dúvidas de que fora Lorenzo. Tratava-se apenas de cinquenta dólares adicionais, mas eram cinquenta dólares de que a sua missão desesperadamente necessitava — e, pior ainda, tratava-se de roubar do Senhor. A alma de Lorenzo estava em perigo por uns míseros cinquenta dólares.

Eddy estava farto. Na passada semana decidira despedir Lorenzo, mas para isso precisava de provas. E em breve haveria de tê-las. Ontem, entre o peditório e o fim da cerimónia, havia marcado as notas na bandeja da coleta com um marcador amarelo fluorescente. Pedira ao comerciante em Blue Gap para se manter alerta em relação à possibilidade de alguém as usar.

Enfiando a t-shirt com ligeireza, esticou os braços escanzelados e lançou uma vista de olhos sobre a sua humilde missão com um misto de afeição e repulsa. A caravana onde vivia estava a cair aos pedaços. Próximo dela encontrava-se o celeiro da *ProPanel* que comprara a um rancheiro em Shiprock, desmontado, transportado, e reerguido com o propósito de ser a sua igreja. Um trabalho extenuante. Cadeiras plásticas de diferentes tamanhos, formas, e cores a fazer de bancos de igreja. A «igreja» era destapada em três dos quatro lados, e, durante o seu sermão de ontem, o vento agitou-se e lançou poeira sobre a congregação. A única coisa com algum valor que possuía estava guardada na caravana, um iMac Intel Core Duo com um monitor de vinte polegadas, que lhe fora enviado por um turista cristão que passava pela terra navaja e que ficara impressionado com a sua missão.

O computador era uma dádiva de Deus, a sua ponte de ligação ao mundo para lá da Reserva. Passava muitas horas por dia em frente a ele, visitando salas de conversação e fóruns de discussão cristãos, enviando e recebendo mensagens de correio eletrônico, e organizando doações de roupas.

Eddy entrou na igreja e começou a endireitar as cadeiras, reposicionando-as em filas exatas, e varrendo a areia dos assentos com uma vassourinha. Enquanto laborava, pensou em Lorenzo e ficou mais zangado, batendo com as cadeiras e arrumando-as bruscamente. Este era um trabalho destinado a Lorenzo.

Quando acabou de ajustar as cadeiras, transportou uma vassoura até à plataforma de madeira onde era dado o sermão e pôs-se a varrer a areia da extremidade. Enquanto varria, avistou Lorenzo que aparecia no terreiro. Finalmente. O navajo fazia sempre os três quilómetros desde Blue Gap a pé, e tinha a tendência de chegar silenciosamente, inesperadamente, como um fantasma.

Eddy endireitou-se e debruçou-se sobre o cabo da vassoura no instante em que o jovem navajo adentrou a sombra da igreja.

— Olá, Lorenzo — disse Eddy, procurando manter a voz serena. — Que o Senhor te abençoe e guie no dia de hoje.

Lorenzo atirou as suas longas tranças para trás. — Olá.

Eddy perscrutou o seu rosto carrancudo à cata de indícios de consumo de drogas ou álcool, mas os olhos afastaram-se dos dele no momento em que Lorenzo lhe retirou silenciosamente a vassoura das mãos e começou a varrer. Os navajos eram difíceis de ler, mas Lorenzo era mais difícil do que a maioria, solitário, calado, evitando deixar transparecer as emoções. Era difícil adivinhar se alguma coisa se passava no interior da sua cabeça, aparte uma enorme ânsia de drogas e álcool. Eddy não era capaz de se lembrar de um único caso em que Lorenzo pronunciara uma frase completa. É incrível pensar que frequentara a Columbia University, mesmo que não tivesse terminado a licenciatura.

Eddy afastou-se e pôs-se a observar Lorenzo a varrer, com as suas investidas lentas e ineficazes que deixavam para trás riscos de areia. Reprimiu o impulso de naquele momento lhe dizer alguma coisa acerca da coleta de dinheiro. O próprio Eddy mal tinha o que comer, e uma vez mais tivera de pedir dinheiro emprestado para a gasolina, e aqui estava Lorenzo, a roubar dinheiro de Deus, sem dúvida para comprar drogas ou álcool. Invadia-o uma agitação crescente perante a ideia de confrontar Lorenzo. Porém, antes disso, tinha de esperar por informações do comerciante, uma vez que necessitava de provas. Se acusasse Lorenzo e o rapaz negasse — coisa que por certo faria, o mentiroso —, que poderia ele fazer sem provas?

— Quando tiveres acabado o trabalho aqui, Lorenzo, podes, por favor,

selecionar as roupas que acabaram de chegar? — Apontou para uma série de caixas que haviam chegado na sexta-feira de uma igreja no Arkansas.

O homem grunhiu como modo de indicar que o ouvira. Eddy vigiou a sua desajeitada atividade durante mais algum tempo. Lorenzo estava pedrado, não restava qualquer dúvida quanto a isso — roubara os donativos para comprar droga. E agora Eddy não conseguiria chegar ao final da semana sem pedir dinheiro emprestado para a gasolina e para a comida.

Estremeceu de fúria — todavia não disse nada, rodou sobre si mesmo, e caminhou de forma hirta rumo à caravana para preparar o seu escasso pequeno-almoço.



Ford estacou no limiar do celeiro. O Sol da manhã de segunda-feira entrava oblíquo, iluminando um tumulto de grãos de poeira. Conseguia distinguir os ruídos dos cavalos a moverem-se nas suas cocheiras, mascando ração. Aventurou-se a entrar e percorreu o corredor central, interrompendo a marcha para atentar no cavalo da primeira cocheira. Um cavalo pintado, que mastigava uma porção de aveia, devolveu-lhe o olhar.

— Como te chamas, companheiro?

O cavalo relinchou suavemente, após o que baixou a cabeça para retirar outra porção.

Um balde chocou na outra extremidade do celeiro. Voltou-se e avistou uma cabeça que espreitava da cocheira mais distante: Kate Mercer.

Olharam-se fixamente.

— Bom dia — disse Ford, elaborando o que ele esperava parecer-se com um sorriso despreocupado.

— Bom dia.

— Subdiretora, teórica de cordas, cozinheira, e... moça de estrebaria? És uma mulher de muitos talentos. — Fez por manter a sua voz ligeira. Havia nela outros talentos que ele tinha dificuldade em manter afastados da sua mente.

— Pode-se dizer que sim.

Pressionou as costas de uma mão enluvada contra a testa e, de seguida, pôs-se em marcha, transportando um balde com grão. Um pedaço de palha emaranhava-se no seu cabelo lustroso. Vestia *jeans* justas e um casaco de ganga roçada por cima de uma camisa de homem branca e enrugada. Estava desabotoada no colarinho, e ele vislumbrou a suave elevação dos seus seios.

Ford engoliu saliva, incapaz de pensar em nada para dizer exceto um inane «Cortaste o cabelo.»

— O cabelo tem tendência a crescer, é verdade.

Ele não morderia a isca. — Está bonito — disse lisonjeiramente.

— É a modos que a minha versão de um corte japonês tradicional chamado *umano-o*.

O cabelo de Kate fora sempre um ponto sensível. A sua mãe japonesa não queria que a filha fosse japonesa em aspeto algum. Recusava-se a per-

mitir que o Japonês fosse falado em sua casa, e insistia que Kate usasse o cabelo longo e solto, como uma rapariga inteiramente americana. Kate havia cedido em relação ao cabelo, mas quando a sua mãe começou a insinuar que Ford daria um marido americano ideal, isso fez com que andasse mais afincadamente à cata de defeitos.

Ocorreu a Ford o que aquele novo corte de cabelo deveria significar.

— A tua mãe?

— Faleceu há quatro anos.

— Lamento.

Uma pausa. — Vais dar um passeio a cavalo? — inquiriu Kate.

— Estava a pensar em fazer isso.

— Não fazia ideia que sabias montar.

— Passei um Verão num hotel-fazenda quando tinha dez anos.

— Nesse caso, não te aconselhava a montares o Snort. — Acenou no sentido da pintura. — Onde tencionas ir?

Ford retirou do bolso um mapa da USGS<sup>13</sup> e desdobrou-o. — Queria fazer uma visita a Blackhorse para ver o feiticeiro. De carro parecem ser trinta quilómetros por estradas más. Mas são só nove quilómetros a cavalo, se se seguir o trilho no lado de trás da mesa.

Kate pegou no mapa e examinou-o. — Esse é o Trilho da Meia-Noite. Não é para cavaleiros principiantes.

— Vai fazer-me poupar horas.

— Ainda assim, se fosse a ti levava o *Jeep*.

— Não quero aparecer num carro brasonado com logótipos do governo.

— Hmmm. Percebo onde queres chegar.

Caíram no silêncio.

— Tudo bem — disse Kate. — O cavalo ideal para ti é o Ballew. — Ergueu a corda de um gancho, entrou numa cocheira, e de lá saiu encaminhando um cavalo cor de terra com pescoço de cervo, rabo pelado e estômago inchado.

— Parece refugio de uma fábrica de comida para cão.

— Não julgues um cavalo pelo seu aspeto. Aqui o velho Ballew é à prova de bomba. E é esperto o suficiente para manter a serenidade ao percorrer o Trilho da Meia-Noite. Pega na sela e no coxim desse cabide e toca a equipá-lo.

Escovaram o cavalo e colocaram-lhe a sela, refrearam-no, e conduziram-no ao exterior.

— Sabes pôr-te a cavalo? — inquiriu ela.

---

<sup>13</sup> United States Geological Survey. (*N. do T.*)



Ford olhou-a. — Pé no estribo, alçar... certo?

Kate segurou-lhe nas rédeas.

Ford atrapalhou-se com as rédeas, enrolou uma delas sobre o pescoço do cavalo, segurou no estribo, e enfiou o pé.

— Espera, precisas de...

Mas ele já ia lançado. A sela deslizou para o lado e Ford estatelou-se no chão, aterrando com o rabo na imundície. Ballew manteve-se ali, indiferente, com a sela pendurada no seu flanco.

— Eu ia dizer que precisas de verificar a cilha. — Parecia estar a reprimir uma gargalhada.

Ford pôs-se em pé, sacudindo a poeira com as mãos. — É assim que instruis os aprendizes por estas bandas?

— Tentei avisar-te.

— Bem, era melhor se me pusesse a andar.

Ela sacudiu a cabeça. — De todos os sítios do mundo onde podias estar, não posso acreditar que estejas aqui.

— Não me pareces feliz.

— Não estou.

Ford conteve uma réplica. Tinha um trabalho a fazer. — Ultrapassei tudo isso há muito tempo. Espero que também consigas.

— Oh, não te preocupes em relação a isso... Podes crer que ultrapassei isso *completamente*. Simplesmente não preciso deste tipo de complicação neste momento.

— E que complicação é essa? — perguntou Ford.

— Esquece.

Ford pôs-se em silêncio. Não se ia embrulhar em nenhuma questão pessoal com a Kate. *Concentra-te na missão*. — Vais voltar ao Bunker hoje? — perguntou num tom ligeiro, algum tempo depois.

— Receio que sim.

— Mais problemas?

Os olhos dela esquivaram-se: cautelosamente, pensou. — Talvez.

— De que tipo?

Ergueu o olhar na direção dele, afastou o olhar. — Avarias no *hardware*.

— O Hazelius disse-me que era *software*.

— Isso, também. — Uma vez mais os olhos dela desviaram-se.

— Há alguma coisa que eu possa fazer para ajudar?

Encarou-o diretamente, os seus olhos cor de mogno dissimulados e perturbados. — Não.

— É alguma coisa... grave?

Hesitou. — Wyman? Faz o teu trabalho e deixa-nos fazer o nosso... OK?

Ela voltou-se abruptamente e caminhou de regresso ao celeiro. Ford observou-a até que desaparecesse no sombrio interior.



Cavalgando às rédeas de Ballew, Ford começou a relaxar gradualmente, tentando manter a mente longe de Kate, onde morara tempo de mais para o seu gosto. Era um daqueles gloriosos dias de final do Verão, tingido de melancolia, que o lembravam de que a estação em breve chegaria ao fim. As bistortas resplandeciam áureas por entre as gramíneas secas. Os nopais cobriam-se de espinhos, e as pontas das plumas dos Apaches haviam trocado as suas florescências pelos sopros de penas vermelhas e brancas que assinalavam a aproximação do Outono.

O trilho desvaneceu-se, e Ford continuou em corta-mato, orientando-se pela intuição. Velhos zimbros espiralados e formações rochosas em chaminés de fadas conferiam ao topo da mesa um carácter pré-histórico. Cruzou-se com o rasto de um urso em areia, as pegadas com um aspeto quase humano. *Shash*, a há muito esquecida palavra navaja para «urso», irrompeu-lhe na cabeça.

Quarenta minutos mais tarde, alcançou a extremidade da mesa. O penhasco descia a pique numa distância de algumas centenas de metros até fazer ligação com plataformas de arenito que conduziam a Blackhorse, seiscentos metros abaixo. O povoado parecia um agrupamento de marcas geométricas no deserto, a cerca de um quilómetro da base da mesa.

Ford desceu do cavalo e pôs-se a examinar a extremidade dos penhascos até encontrar, no muro de rocha, a ranhura onde principiava o Trilho da Meia-Noite. Estava assinalado no mapa como uma velha estrada de prospeção de urânio, porém os desabamentos de rochas, os deslizamentos de terra e as derrocadas haviam-na transformado num percurso intermitente. Atravessava o muro de rocha e ziguezagueava encosta abaixo antes de se cruzar com uma saliência da mesa e serpear em curvas acentuadas até à base. O simples facto de seguir o traçado do trilho, em locais com escassos metros de largura, provocava-lhe vertigens. Se calhar, no fim de contas, talvez devesse ter pegado no *Jeep*. Mas nem que a porca torcesse o rabo iria ele regressar.

Conduziu Ballew rumo à extremidade e principiou a descida, puxando o cavalo atrás de si. Desconcertado, o cavalo baixou a cabeça, deu uma fungadela, e seguiu Ford. Sentiu como que uma súbita admiração, inclusive afeição, pelo velho traste.

Meia hora depois, alcançavam a base. Ford montou no cavalo e galgou o último pedaço de trilho descendo por uma garganta de pouca profundidade, sombreada por tamargueiras, até Blackhorse. Redis de vacas, currais, um moinho de vento, um tanque de água, e uma dúzia de caravanas em péssimo estado completavam o lugarejo. Atrás de uma caravana dispunham-se várias cabanas de pele-vermelha com oito lados, construídas a partir de madeira de cedro lascada e com telhados de lama. Próximo do centro do lugarejo, meia dúzia de crianças em idade pré-escolar brincava ruidosamente em baloiços degradados, as suas vozes suando estridentes no vazio do deserto. Junto das caravanas encontravam-se carrinhas de caixa aberta estacionadas.

Ford deu pequenos toques em Ballew com os calcanhares. O velho cavalo moveu-se devagar sobre o terreno plano nas imediações do lugarejo. Soprou um vento constante. As crianças pararam de brincar e puseram-se como estátuas em miniatura, de olhos fitos nele. Depois, como num gesto ensaiado, fugiram dando guinchos.

Ford deteve Ballew a quinze metros do trilho mais próximo e pôs-se à espera. Sabia, com base na experiência em Ramah, que o espaço pessoal navajo começava bem antes da porta principal. Passado um momento, uma porta bateu com estrondo, e um homem esguio, com pernas arqueadas, envergando um chapéu de vaqueiro, desceu a coxear de uma das caravanas. Levantou a mão no sentido de Ford. — Prenda ali o seu cavalo — ordenou num tom de voz que se sobrepunha ao som do vento.

Ford desmontou, atou Ballew, e libertou a cilha do flanco. O homem aproximou-se, protegendo os olhos do Sol brilhante. — Quem é você?

Ford esticou a mão. — *Yáát'ééh shi éi Wyman Ford yinishyé.*

— Oh não, outro *Bilagaana*<sup>14</sup> a tentar falar navajo! — disse o homem de forma animada, após o que acrescentou: — Pelo menos o seu sotaque é melhor do que o da maioria.

— Obrigado.

— Em que lhe posso ser útil?

— Estou à procura do Nelson Begay.

— Encontrou-o.

— Posso roubar-lhe um momento?

Begay semicerrrou os olhos, olhou-o mais atentamente. — Desceu pela mesa?

— Sim.

— Oh.

Silêncio.

---

<sup>14</sup> Navajo para «caucasiano». (N. do T.)

Begay disse: — Isso é um trilho dos diabos.

— Não se se trouxer o cavalo pela mão.

— Homem inteligente. — Nova pausa incômoda. — Você... você então é do governo?

— Sim.

Begay voltou a semicerrar os olhos, deu uma rosnadela, depois rodou sobre si mesmo e mancou de regresso à caravana. Instantes depois, a porta fechou-se violentamente. O silêncio tomou conta da vila de Blackhorse, à exceção do vento, que desfraldava meadas de pó amarelo em torno de Ford como que tecendo um cobertor.

*E agora?* Ford permaneceu na poeira que redemoinhava, sentindo-se um idiota. Se batesse à porta, Begay não responderia, e mais não faria do que se afirmar como mais um *Bilagaana* intrometido. Por outro lado, viera aqui ter com o propósito de falar com Begay, e de falar com Begay haveria.

*Que se lixe, o gajo não pode ficar na caravana para sempre.* Ford sentou-se.

Os minutos arrastavam-se. O vento soprava. O pó rodopiava.

Passaram-se dez minutos. Um escaravelho marchava deliberadamente por entre o pó numa qualquer missão estranha, transformando-se num pequeno ponto negro à medida que se afastava e desaparecia. A sua mente divagou, e pensou em Kate, na relação entre eles, na longa jornada que a sua vida havia empreendido desde então. Inevitavelmente, os seus pensamentos voltaram-se para a sua mulher. A morte dela havia despedaçado qualquer sentimento de segurança que sentira na vida. Antes disso, não tinha tomado conhecimento de quão arbitraria a vida poderia ser. A tragédia acontecia aos outros. OK, lição aprendida. Podia acontecer-lhe a ele. Adiante.

Avistou o movimento ténue de uma cortina numa janela, o que sugeria que Begay o observava.

Perguntou-se quanto tempo levaria até que o tipo compreendesse que dali não sairia. Tinha esperança de que isso acontecesse em breve — a areia começava a infiltrar-se-lhe nas calças, a entrar-lhe nas botas, a intrrometer-se nas meias.

A porta bateu com estrondo, e Begay saiu como um furacão, estacando nas escadas de madeira, braços cruzados, exibindo um ar extremamente incomodado. Olhou Ford de soslaio e depois desceu tropegamente os vacilantes degraus de madeira e aproximou-se. Estendeu a mão e ajudou Ford a levantar-se.

— Você é, à vontade, o raio do homem branco mais paciente que alguma vez conheci. Suponho que terá de entrar. Limpe-se antes que dê cabo do meu sofá novo.

Ford sacudiu o pó de si mesmo e seguiu Begay até à sala de estar, onde ambos se sentaram.

— Café?

— Obrigado.

Begay regressou com canecas contendo um líquido tão aquoso quanto o chá. Ford também se lembrou disto — para poupar dinheiro, os navajos utilizavam as mesmas borras de café inúmeras vezes.

— Leite? Açúcar?

— Não, obrigado.

Begay encheu a caneca de açúcar, vertendo de seguida leite de um pacote em quantidade idêntica à de café.

Ford absorveu o espaço. O sofá de veludo castanho enrugado onde se encontrava sentado parecia tudo menos novo. Begay instalou-se numa *Barcalounger*<sup>15</sup> estragada. Uma dispendiosa televisão com ecrã gigante dispunha-se a um canto — a única coisa no interior da casa com algum valor, pelo que lhe era dado a ver. A parede atrás dela estava coberta de fotografias de família, muitas das quais exibindo homens jovens envergando uniformes militares.

Ford lançou um olhar curioso a Begay. O feiticeiro não correspondia àquilo que esperava encontrar — não era nem um jovem e impetuoso ativista nem um sábio e enrugado ancião. Era alto e magro, com um cabelo impecavelmente aparado, e aparentava ter quarenta e poucos anos. Em lugar das botas de vaqueiro que a maioria dos homens navajos usavam em Ramah, Begay calçava umas *Keds*<sup>16</sup> de cano elevado, castigadas e desbotadas, com a biqueiras de borracha a descolar. O único sinal de que se tratava de um americano nativo estava num colar de turquesas.

— Muito bem, então o quer de mim? — Falou com a suavidade de um instrumento de sopro, com aquela peculiar pronúncia navaja que parecia dar peso a cada palavra.

Ford apontou para a parede com a cabeça. — É a sua família?

— Sobrinhos.

— Estão na tropa?

— Exército. Um foi destacado para a Coreia do Sul. O outro, o Lorenzo, acabou uma operação no Iraque e agora está... — Hesitação. — De regresso a casa.

— Deve ter orgulho deles.

— Tenho.

---

<sup>15</sup> Marca norte-americana de poltronas reclináveis. (*N. do T.*)

<sup>16</sup> Marca de sapatilhas. (*N. do T.*)

Novo silêncio. — Ouvi dizer que vai liderar uma marcha de protesto contra o projeto Isabella.

Nenhuma resposta.

— Bem, é por isso que aqui estou. Para ouvir as suas preocupações.

Begay cruzou os braços. — Tarde de mais para ouvir.

— Ponha-me à prova.

Begay descruzou os braços e inclinou-se para a frente. — Ninguém perguntou às pessoas daqui se queriam esse Isabella. O acordo foi todo ele feito em Window Rock. Eles recebem o dinheiro e nós não recebemos nada. Disseram-nos que haveria empregos... e depois vocês arranjaram pessoal da construção vindo de fora. Disseram que ia trazer desenvolvimento económico... mas vocês mandam vir os vossos alimentos e provisões de Flagstaff. Nem por uma vez fizeram vocês compras nas nossas lojas locais em Blue Gap ou Rough Rock. Construíram as vossas residências num vale anasazi, profanando sepulcros, e apoderaram-se de terras de pasto que ainda estávamos a usar, sem que recebêssemos qualquer tipo de compensação. E agora anda aí um falatório sobre colisões de átomos e radiação.

Colocou as suas enormes mãos sobre os joelhos e olhou Ford ferozmente.

Ford anuiu com a cabeça. — Estou a ouvi-lo.

— Fico satisfeito por não ser surdo. É de tal modo a vossa ignorância em relação a nós que aposto que você nem sequer sabe que horas são. — Arqueou as sobrancelhas com ar zombeteiro. — Vá lá: diga-me que horas acha que são.

Ford sabia que estava a ser tramado de uma qualquer maneira que desconhecia, mas, em todo o caso, alinhou. — Nove.

— Errado! — exclamou Begay triunfante. São dez.

— Dez?

— Isso mesmo. Aqui, na Grande Reserva, durante metade do ano temos um fuso horário diferente do do resto do Arizona, noutra metade temos o mesmo fuso horário. No Verão, quando se entra na Reserva, é uma hora mais tarde do que no resto do estado. De qualquer das formas, as horas e os minutos são uma invenção dos *Bilagaana*, mas a questão é que vocês, génios daí do vosso alto, sabem tão pouco sobre nós que nem sequer têm os relógios acertados.

Ford olhou-o calmamente. — Sr. Begay, se estiver disposto a trabalhar comigo com o intuito de fazer algumas mudanças de facto, prometo-lhe que farei tudo que puder. Você tem alguns motivos de queixa legítimos.

— Quem é você, um cientista?

— Sou um antropólogo.

Pôs-se um silêncio súbito. Depois, Begay reclinou-se. Um riso seco agitou-lhe o corpo. — Um antropólogo. Como se nós fôssemos uma espécie de tribo primitiva. Oh, essa tem *graça*. — Parou de rir. — Bem, eu sou americano, tal como você. Tenho familiares a lutar pelo meu país. Não me agrada que vocês me apareçam aqui na *minha* mesa, construam uma máquina que está a pôr toda a gente acagaçada, façam montes de promessas que não cumprem, e agora enviem um *antropólogo* como se fôssemos uns selvagens com ossos atravessados nos narizes.

— Enviaram-me para aqui apenas porque passei algum tempo em Ramah. O que eu gostava de fazer era convidá-lo a ir ao projeto Isabella para uma visita, para que conheça o Gregory Hazelius, para que veja o que estamos a fazer, para conhecer a equipa.

Begay meneou a cabeça. — O tempo para visitas acabou. — Fez uma pausa. Seguidamente perguntou, quase relutantemente: — Que tipo de investigação *estão* vocês a fazer? Tenho ouvido algumas histórias estranhas.

— A investigar o *Big Bang*.

— O que é isso?

— É a teoria de que o universo surgiu há treze mil milhões de anos numa explosão e se tem vindo a expandir desde então.

— Por outras palavras, vocês estão a meter o bedelho nos assuntos do Criador.

— Não foi à toa que o Criador nos deu cérebros.

— Então nenhum de vocês acredita que o Criador fez o universo.

— Sou católico, Sr. Begay. Do meu ponto de vista, o *Big Bang* foi simplesmente o modo como Ele o fez.

Begay suspirou. — Tal como eu disse: chega de conversa. Vamos subir a mesa na sexta-feira. É essa a mensagem que pode levar de volta para a sua equipa. Agora, se não se importa, tenho trabalho a fazer.

Ford, montado em Ballew, regressou ao local onde principiava o trilho ascendente. Olhou para cima, para os blocos de pedra e para as rochas escarpadas e para os penhascos. Agora que sabia que Ballew era capaz de percorrer os caminhos inclinados e sinuosos bem como as zonas acidentadas, não havia qualquer motivo para caminhar. Podia seguir montado no velho cavalo.

Quando, volvida uma hora, atravessaram a abertura na rocha no topo da mesa, Ballew acelerou o passo, desejoso de regressar ao celeiro. Ford agarrou-se ao arção em pânico, aliviado por não haver ninguém por perto que pudesse assistir à figura triste que por certo fazia. Por volta da uma hora, Nakai Rock avultava-se, e os pequenos precipícios em redor do vale tornavam-se visíveis. Enquanto cavalgava por entre os choupos, escutou



uma gargalhada severa e viu uma figura a caminhar furiosamente ao longo do caminho que unia Isabella à povoação.

Tratava-se de Volkonsky, o programador informático, com o seu longo cabelo oleoso em desalinho. Parecia apoquentado e furioso, porém ao mesmo tempo sorria rasgadamente como um louco.

Ford puxou as rédeas até que Ballew parasse, desmontou rapidamente, e utilizou o cavalo para bloquear o trilho.

— Olá.

— Com licença — disse Volkonsky, tentando contornar o obstáculo.

— Belo dia, não achas?

Volkonsky estacou e fixou o olhar, o seu rosto pleno de um júbilo furioso. — Tu perguntar: Ser belo dia? E eu responder: Nunca ter tido mais belo dia!

— Ai sim? — perguntou Ford.

— E por quê ser isso da sua conta, Sr. Antropólogo? — Enristou a cabeça, os seus dentes acastanhados expostos numa careta de falsa hilaridade.

Ford aproximou-se de tal modo que bem poderia ter tocado no russo. — A avaliar pelo teu aspeto, diria que estás a ter tudo menos um belo dia.

Volkonsky colocou uma mão sobre o ombro de Ford num jeito exagerado, de falso amigo, e inclinou-se para a frente. Uma baforada de álcool e tabaco envolveu Ford. — Antes, eu estar preocupado. Agora, eu estar impecável! — Voltou a enristar a cabeça e escangalhou-se a rir, a sua maçã-de-adão por barbear agitando-se bruscamente.

De trás veio o ruído de passos. Volkonsky endireitou-se abruptamente.

— Ah, o Peter — disse Wardlaw, aproximando-se do trilho. — E o Wyman Ford. *Saudações.* — A sua voz, agradável e estranhamente irónica, colocou a ênfase na última palavra.

Volkonsky sobressaltou-se com a saudação.

— A vir do Bunker, Peter? — As palavras de Wardlaw pareciam transportar um tom de ameaça.

Volkonsky manteve o sorriso maniaco, mas Ford vislumbrava agora inquietação nos seus olhos — ou seria medo?

— O *log* de segurança diz que estive lá toda a noite — continuou Wardlaw. — Estou preocupado consigo. Espero que ande a dormir o suficiente, Peter.

Em silêncio, Volkonsky contornou-o e caminhou numa passada tensa trilho afora.

Wardlaw voltou-se para Ford como se nada de extraordinário tivesse acontecido. — Belo dia para um passeio a cavalo.

— Estávamos precisamente a falar sobre isso — disse Ford secamente.

— Aonde foi?

— Fui até Blackhorse para conhecer o curandeiro.

— E?

— Conhecemo-nos.

Wardlaw abanou a cabeça. — Aquele Volkonsky... está sempre desinquieto em relação a alguma coisa. — Deu um passo trilha abaixo, depois parou. — Ele não lhe disse nada de... *estranho*, pois não?

— Como por exemplo? — inquiriu Ford.

Wardlaw encolheu os ombros. — Vá-se lá saber? O homem é um bocadinho instável.

Ford observou Wardlaw a andar sem pressas, com as manápuas enfiadas nos bolsos — um homem como os restantes, próximo do ponto de rutura, simplesmente bem mais hábil a escondê-lo.



Eddy encontrava-se no exterior da sua caravana, um copo de água fresca na mão, a observar o Sol afundar-se na direção do horizonte distante. Lorenzo não estava em parte alguma — havia desaparecido por volta do meio-dia, sumira-se tão silenciosamente como quando chegara, sem ter terminado as suas tarefas rotineiras. Uma pilha de peças de vestuário desorganizadas dispunha-se sobre uma mesa e a areia em volta da igreja ainda não havia sido varrida. Eddy fitava o horizonte distante, consumido pelo rancor. Nunca devia ter concordado com a vinda de Lorenzo. O rapaz estivera na prisão por homicídio involuntário, pena negociada a partir de um homicídio em segundo grau — esfaqueou alguém numa rixa de bêbados em Gallup. Cumpriu apenas dezoito meses. Eddy concordara com a sua contratação, a pedido de uma família local, de modo a ajudá-lo a satisfazer as condições da sua liberdade condicional.

Grande erro.

Eddy bebeu um gole da água fresca, tentando suprimir o rancor e a fúria quentes que fervilhavam dentro dele. Ainda não tivera novidades do comerciante de Blue Gap, mas não duvidava, nem por um segundo, que as teria dentro de pouco tempo. E, quando isso acontecesse, teria a prova de que necessitava para se livrar de Lorenzo de vez — enviando-o para a prisão, onde pertencia. Dezoito meses por assassinato — não era de espantar que o índice de criminalidade na Reserva fosse elevadíssimo.

Bebeu mais um trago e ficou surpreendido ao ver o contorno esbatido de um homem, caminhando pela estrada na direção da missão, perfilado contra o Sol que se punha. Pôs-se a olhar fixamente, de olhos semicerrados.

Lorenzo.

Mesmo à distância conseguiu perceber, pela maneira de andar de Lorenzo, que o homem estava bêbado. Eddy cruzou os braços e pôs-se à espera, o seu coração acelerando face à ideia da confrontação que se avizinhava. Não deixaria passar — não desta vez.

Lorenzo acercou-se do portão, apoiou-se por momentos no suporte, depois entrou.

— Lorenzo?

O navajo rodou lentamente a cabeça. Os seus olhos estavam raiados de sangue, as suas ridículas tranças parcialmente desfeitas, o lenço estampado em volta da cabeça retorcido. Tinha um aspeto horrível, todo o seu esque-

leto se encontrava curvado, como se o peso do mundo lhe residisse sobre os ombros.

— Chega aqui, por favor. Gostava de te dar uma palavrinha.

Lorenzo limitou-se a olhar para ele.

— Lorenzo, não ouviste o que eu disse?

O índio voltou-se e cambaleou rumo à pilha de roupa.

Eddy moveu-se num ápice e pôs-se no caminho de Lorenzo, bloqueando-o. O índio parou e ergueu a cabeça, olhando-o. O cheiro azedo do *bourbon* quase o asfixiou.

— Lorenzo, sabes muito bem que consumir bebidas alcoólicas é uma violação da tua liberdade condicional.

Lorenzo limitava-se a olhá-lo fixamente.

— Também te foste embora sem teres acabado o teu trabalho. É da minha competência informar o funcionário encarregado de supervisionar a tua liberdade condicional sobre se estás a fazer um bom trabalho aqui, e eu não lhe vou mentir. Não vou mentir. Despeço-te.

Lorenzo deixou a cabeça tombar. Por momentos, Eddy pensou que se trataria de um gesto de contrição, mas depois ouviu um pigarrear ruidoso, no instante em que Lorenzo expelia um escarro e o soprava entre os lábios, lançando-o para a areia, aos pés de Eddy, como uma ostra crua.

Eddy sentiu o coração latejar. Estava furiosamente zangado. — Não te atrevas a cuspir enquanto falo contigo, meu menino — disse com a voz elevada.

Lorenzo tentou dar um passo para o lado de modo a contornar Eddy, mas o pastor rapidamente se lhe voltou a intrometer no caminho. — Estás a ouvir-me, ou estás demasiado bêbado para isso?

O índio limitou-se a permanecer ali.

— Onde arranjaste o dinheiro para comprar bebida?

Lorenzo levantou a mão, deixou-a cair pesadamente.

— Fiz-te uma pergunta.

— Um tipo emprestou-me. — A voz dele saía enrouquecida.

— Ai sim? Que tipo?

— Não sei o nome dele.

— Não sabes o nome dele — repetiu Eddy.

Lorenzo ensaiou nova tentativa frouxa de contorná-lo, porém Eddy obstruiu-lhe a passagem. Sentiu as mãos a tremer. — Acontece que por acaso até sei onde arranjaste esse dinheiro. Roubaste-o. Da bandeja da coleta.

— De maneira nenhuma.

— De toda a maneira. Roubaste-o. Mais de cinquenta dólares.

— Treta.

— Não me venhas com faltas de educação, Lorenzo. Eu vi-te a pegar nele. — A mentira estava cá fora antes que ele se tivesse apercebido de que a tinha dito. Mas isso não importava; era como se o tivesse visto — tinha a palavra «culpa» escrita em toda a parte.

Lorenzo nada disse.

— Eram cinquenta dólares de que esta missão precisava desesperadamente. Mas tu não roubaste apenas à missão. Tu não me roubaste apenas a mim. *Tu roubaste ao Senhor.*

Nenhuma resposta.

— Como achas tu que o Senhor vai reagir a isso? Pensaste nisso quando tiraste o dinheiro, Lorenzo? E se a vossa mão direita é motivo de escândalo, cortai-a e lançai-a de vós: pois vos convém mais que se perca um dos vossos membros do que todo o vosso corpo vá para o inferno.

Lorenzo voltou-se bruscamente e começou a caminhar no sentido inverso, de regresso à cidade. Eddy precipitou-se na direção dele e agarrou-lhe a camisa na zona ombro. Lorenzo sacudiu o ombro e prosseguiu a marcha. Subitamente, mudou de rumo e avançou no sentido da caravana.

— Para onde é que estás a ir? — gritou Eddy. — Não entres aí!

Lorenzo desapareceu pelo interior da caravana. Eddy correu atrás dele, parando diante da porta. — Sai daí! — Hesitou em segui-lo, receoso de ser atacado. — És um ladrão! — berrou lá para dentro. — É isso que tu és. Um larápio. Põe-te a andar da minha casa já! Vou chamar a polícia!

Da cozinha veio um estrondo, uma gaveta com talheres de prata era arremessada no aposento.

— Vais pagar os estragos! Cada cêntimo!

Novo estrondo, mais talheres espalhados. Eddy queria desesperadamente entrar, mas tinha medo. Pelo menos o índio bêbado estava na cozinha e não no quarto ao fundo, onde se encontrava o seu computador.

— Sai daí, seu borrachão! Lixo humano! És imundície aos olhos de Jesus! Vou comunicar isto ao funcionário encarregado de supervisionar a tua liberdade condicional e vais voltar para a prisão! Garanto-te!

Subitamente, Lorenzo apareceu na soleira, segurando uma longa faca de cortar o pão.

Eddy recuou e afastou-se do lanço de escadas. — Lorenzo. Não.

Lorenzo permaneceu no lanço, vacilante, brandindo a faca e pestanejando face à luz do Sol. Não avançou.

— Larga a faca, Lorenzo. Larga-a.

A mão dele baixou.

— Larga-a, agora. — Eddy conseguia ver o seu aperto embranquecido em volta do cabo afrouxar. — Larga-a ou receberás a punição de Jesus.

Um gargarejo de fúria sobreveio subitamente da garganta de Lorenzo. — Eu fodo o teu Jesus pelo cu acima, assim! — Golpeou o ar com a faca de um modo tão violento que quase lhe tirou o equilíbrio.

Eddy cambaleou para trás, as palavras a chegarem-lhe como um pontapé no estômago. — Como... ousas... tu... *blasfemar* contra o nosso Salvador? Seu doente... seu *malvado*! Arderás no inferno, Satã! Tu... — A voz aguda de Eddy foi estrangulada pelo histerismo.

Uma gargalhada roufenha e catarrosa brotou da garganta de Lorenzo. Pôs-se a agitar a faca, exibindo um sorriso de orelha a orelha, como se a desfrutar do pavor de Eddy. — Isso mesmo, cu *acima*.

— Arderás no inferno! — clamou Eddy, num assomo de coragem. — Evocarás Jesus para que te humedeça os lábios ressequidos, mas Ele não te atenderá. Porque tu és *escumalha*. Escória humana!

Lorenzo cuspiu uma vez mais. — Nem mais.

— Deus fulminar-te-á, ouve bem o que te digo. Ele te castigará e excomungará, blasfemo! Roubaste d'Ele, seu desprezível ladrão índio!

Lorenzo lançou-se a Eddy. Porém o pregador era pequeno e lesto, e, no momento em que a faca se dirigia a ele num arco amplo e ineficiente, Eddy pulou para o lado e aprisionou o antebraço de Lorenzo com ambas as mãos. O navajo debateu-se, tentando virar a faca novamente na direção de Eddy, mas este agarrou-se com ambas as mãos como se fosse um *terrier*, torcendo e puxando o braço, procurando fazer com que a faca caísse.

Lorenzo grunhia, esforçava-se, todavia no seu estado ébrio faltavam-lhe as forças. O seu braço pôs-se subitamente frouxo e Eddy manteve-o enganchado.

— Larga a faca.

Eddy estacou ali, sem firmeza. Eddy, vislumbrando a sua oportunidade, mandou-se a Lorenzo com o ombro, fazendo-o rodopiar, e apoderou-se da faca. Perdendo o equilíbrio, Eddy tombou para trás com Lorenzo a estampar-se-lhe sobre o peito. No entanto, precisamente no instante em que Lorenzo caía, Eddy segurara a faca pelo cabo. Lorenzo tombou sobre ela, a faca perfurando-lhe o coração longitudinalmente. Eddy sentiu sangue quente a jorrar-lhe sobre as mãos e, com um grito, libertou-se da lâmina e saiu de baixo do navajo. A faca estava no peito de Lorenzo, mesmo sobre o coração.

— Não!

Incrivelmente, Lorenzo ergueu-se até ficar em pé, com a faca espetada no peito. Bamboleando para trás, envolveu firmemente o cabo da faca com ambas as mãos num último esforço. Ali se quedou por um instante, com as mãos a apertar a cabo, esforçando-se por arrancar a lâmina com uma força que se esvaía velozmente, o rosto sem expressão, os olhos vítreos. Titubean-

do para a frente, estatelou-se pesadamente na areia, a força da queda a fazer com que a ponta da faca lhe atravessasse as costas.

Eddy fixou os olhos, a boca a mexer-lhe nervosamente. Por baixo do corpo inerte, viu uma poça de sangue a espalhar-se pela areia, que era absorvida pelo chão sedento, deixando coágulos gelatinosos à superfície.

O primeiro pensamento que Eddy teve foi: *Não voltarei a ser uma vítima.*

O Sol havia-se posto há muito e no ar corria um vento gélido na altura em que Eddy deu a cova por terminado. A areia era mole e seca e escavara-a profundamente — muito profundamente.

Pausou, encharcado em suor e a tremer ao mesmo tempo. Trepou para fora da cova, puxou o escadote para cima, colocou o pé contra o corpo, e fê-lo rolar para o interior. Aterrou produzindo um ruído seco.

Trabalhando com enorme zelo, atirou toda a areia ensanguentada para a cova com a ajuda da pá, escavando o mais fundo que conseguia, sem que um único grão lhe escapasse. Despiu as roupas e atirou-as lá para dentro de seguida. Finalmente, para o interior do buraco seguiu a água suja de sangue onde havia lavado as mãos, balde incluído, seguida da toalha na qual se enxugara.

Estacou trémulo na extremidade do buraco preto, completamente nu. Deveria ele rezar? Mas o blasfemo não merecia qualquer oração — e de que serviria a oração a alguém que já guinchava e se contorcia por entre as chamas do inferno? Eddy dissera que Deus o castigaria, e, volvidos menos de quinze segundos, Deus fizera precisamente isso. Deus havia dirigido a mão do blasfemo contra si mesmo. Na verdade, Eddy testemunhara-o — havia testemunhado um milagre.

Ainda nu, Eddy tapou o buraco, pazada atrás de pazada, esforçando-se por manter o calor do seu corpo. Pela meia-noite, tinha terminado. Eliminou os vestígios do seu empreendimento, guardou os seus utensílios, e dirigiu-se à caravana.

Enquanto o Pastor Eddy estava deitado na sua cama nessa noite, rezando como nunca rezara em toda a sua vida, escutou o vento noturno levantar-se, como acontecia repetidas vezes. Lamuriava-se e balançava e chocalhava, a velha caravana, a areia silvando de encontro às janelas. Pela manhã, pensou Eddy, o terreiro teria sido varrido pelo vento, uma macia extensão de areia virgem, todos os indícios do incidente apagados.

*O Senhor está a limpar o chão por mim, assim como me perdoa e me limpa o pecado da alma.*

Eddy encontrava-se deitado na escuridão, trémulo e triunfante.



Nessa noite, Booker Crawley acompanhou o chefe de mesa até aos fundos da sombria casa de bifés em McLean, Virginia, e deparou com o Reverendo D. T. Spates já sentado a uma mesa, examinando o menu de dois quilos revestido de couro.

— Reverendo Spates, que bom vê-lo novamente. — Apertou a mão do homem.

— É um prazer, Sr. Crawley.

Crawley ocupou o seu lugar, sacudiu o elegante entrançado de linho do seu guardanapo, e esticou-o sobre o colo.

Um empregado de mesa apareceu prontamente. — Os senhores vão desejar alguma coisa para beber?

— *Seven & Seven*<sup>17</sup> — disse o reverendo.

Crawley como que se encolheu, aliviado por ter escolhido um restaurante onde ninguém o reconheceria. O reverendo cheirava a *Old Spice*, e as suas patilhas tinham um centímetro a mais. Em pessoa parecia vinte anos mais velho do que no ecrã, o seu rosto com sardas e pintalgado com aquela textura de lixa avermelhada que caracterizava o consumidor de bebidas alcoólicas. O seu cabelo alaranjado refulgia na luz indireta. Como podia um homem com tal compreensão do mundo mediático tolerar um penteado tão reles?

— E o senhor?

— Um martini *Bombay Sapphire*, muito seco, simples e com uma rodela de limão.

— É para já, caro senhor.

Crawley convocou um sorriso amplo. — Pois bem, Reverendo, vi o seu programa ontem à noite. Foi... *fabuloso*.

Spates anuiu com a cabeça, a mão rechonchuda e tratada dando pancadas leves na toalha de mesa. — O Senhor estava comigo.

— Estava aqui a perguntar-me se terá recebido algum tipo de reação.

— Pode crer que recebi. O meu gabinete registou mais de oitenta mil *e-mails* nas últimas vinte e quatro horas.

Um momento de silêncio. — Oito mil?

— Não, senhor. *Oitenta* mil.

---

<sup>17</sup> Cocktail de uísque *Seagram's Seven Crown* e *7Up*. (N. do T.)



Crawley ficou sem palavras. — De quem? — acabou por perguntar.

— Dos espetadores, claro está.

— Estarei certo ao presumir que se trata de uma reação invulgar?

— Sim, está. O sermão tocou mesmo num ponto nevrálgico. Quando o governo gasta dinheiro dos contribuintes para desmentir a Palavra de Deus... bem, os cristãos sublevam-se por toda a parte.

— Sim, claro. — Crawley elaborou um sorriso de concordância. *Oitenta mil*. Isso faria muitos congressistas tremer de medo. Pausou no momento em que o empregado trouxe as bebidas.

Spates envolveu o seu copo gelado com uma mão gorda, tomou um longo gole, e pousou-o sobre a mesa.

— Agora há esta questão da garantia que deu ao Ministério do Horário Nobre de Deus.

— Naturalmente. — Crawley tocou no casaco por sobre o bolso interior. — Tudo a seu tempo.

Spates bebeu mais um gole. — Qual foi a reação em Washington?

Os contactos de Crawley haviam tomado conhecimento de que um número significativo de *e-mails* também chegara a diversos congressistas, juntamente com um elevado volume de telefonemas. Todavia isso não serviria para insuflar as expectativas de Spate. — Uma questão como esta necessita de se estender durante algum tempo até que penetre na concha dura de Washington.

— Não foi isso que ouvi dos meus espetadores. Muitos daqueles *e-mails* foram encaminhados para Washington.

— Sem dúvida, sem dúvida — apressou-se Crawley.

O empregado de mesa apareceu e anotou o pedido deles.

— Agora, se não se importa — disse Spates —, gostaria de receber esse donativo antes que venha a comida. Não gostaria de enchê-lo de gordura.

— Não, não, claro que não. — Crawley fez deslizar o envelope do interior do bolso e colocou-o discretamente sobre a mesa, após o que se retraiu no instante em que Spates se esticou e o ergueu ostentadamente. A manga do casaco de Spates deslizou para trás, deixando à vista um pulso carnudo abundantemente revestido de pêlo arruivado. Afinal o laranja era verdadeiro. Como podia a coisa que parecia mais falsa em Spates ser, afinal, a única coisa verdadeira? Haveria mais alguma coisa, algo de mais urgente, que lhe escapava em relação a este homem? Crawley refreou a sua irritação.

Spates rodou o envelope e rasgou-o com uma unha envernizada. Sacou do cheque, segurou-o à luz, e examinou-o atentamente.

— Dez mil dólares — leu devagar.

Crawley lançou um soslaio em redor, aliviado por estarem sós no fundo do restaurante. O homem não tinha qualquer classe.

Spates continuou a perscrutar o chefe. — Dez mil dólares — repetiu.

— Confio que esteja tudo conforme.

O reverendo voltou a enfiar o cheque no envelope e arrumou-o no interior do seu casaco. — Sabe quanto custa gerir o meu ministério? Cinco mil por *dia*. Trinta e cinco mil por semana, quase dois milhões por ano.

— Isso é uma operação e tanto — replicou Crawley em tom calmo.

— Dediquei uma hora inteira do meu sermão ao seu problema. Espero voltar a abordá-lo no *América à Mesa Redonda*, esta sexta-feira. Costuma ver?

— Não perco um programa. — Crawley sabia que o Canal Cristão por Cabo punha no ar o programa de entrevistas semanal de Spates, mas nunca o tinha visto.

— Tenciono insistir nisto até conseguir despertar a justa cólera dos cristãos de todo este território.

— Fico-lhe muito grato, Reverendo.

— Para isso, dez mil dólares não passam de uma gota no oceano.

*Maldito pregador*, pensou Crawley. Como detestava lidar com pessoas como esta. — Reverendo, desculpar-me-á, mas tinha a ideia de que abordaria a questão em troca de um único donativo.

— E assim fiz: um único donativo, um único sermão. Aquilo de que falo agora é numa *relação*. — Spates encostou o copo aos lábios húmidos, sorveu o que restava da bebida através do aglomerado de cubos de gelo, recolocou o copo sobre a mesa, e limpou a boca.

— Dei-lhe um tópico excelente. A avaliar pela reação, parece-me que vale a pena explorá-lo, independentemente dos, hum, aspetos pecuniários.

— Meu caro amigo, anda por aí uma *guerra* contra a fé. Estamos a combater os humanistas seculares em múltiplas frentes. Podia mudar as minhas linhas de batalha a qualquer momento. Se quer que eu continue a combater no seu ângulo saliente, bem, nesse caso... terá de *contribuir*.

O empregado de mesa trouxe os seus *filets mignons*. Spates pedira o seu bem passado, e o pedaço de carne de trinta e um dólares tinha agora o tamanho, a forma, e a cor de um disco de hóquei sobre o gelo. Spates entrelaçou os dedos e curvou-se sobre o prato. Levou algum tempo até que Crawley se apercesse de que estava a abençoar a comida, não a cheirá-la.

— Os senhores vão desejar mais alguma coisa? — inquiriu o empregado.

O reverendo levantou a cabeça e ergueu o copo. — Mais um. — Estreitou os olhos ante o modo como o empregado de mesa se afastou. — Creio que aquele homem é homossexual.

Crawley respirou funda e longamente. — A saber, que tipo de relação está a sugerir, Reverendo?

— Um *quid pro quo*. Faz-me festinhas e eu festinhas lhe farei.

Crawley pôs-se à espera.

— Digamos... cinco mil por semana, com a garantia de que mencionarei o projeto Isabella em todos os sermões e de que o abordarei em pelo menos um programa da cabo.

Então era assim que as coisas iam funcionar. — Dez mil por *mês* — disse Crawley calmamente —, com um mínimo garantido de dez minutos dedicados ao tópico em cada sermão. Quanto ao programa na cabo, conto que o primeiro programa seja inteiramente dedicado ao projeto Isabella, com aprofundamento do assunto nos programas seguintes. O meu donativo será feito no *final* do mês, *após* a transmissão. Cada pagamento será devidamente registado como uma contribuição beneficente, com uma carta para esse efeito. Esta é a minha primeira, última e única proposta.

O Reverendo Don T. Spates contemplou Crawley pensativamente. Depois, o seu rosto transfigurou-se num enorme sorriso, e uma mão sardenta estendeu-se por sobre a mesa, expondo uma vez mais os pelos alaranjados.

— O Senhor garantirá que o seu dinheiro é bem empregue, caro amigo.



Na manhã de terça-feira, antes do pequeno-almoço, Ford encontrava-se sentado à mesa da cozinha na sua casita, de olhos fixos numa pilha de dossiês. Não havia qualquer razão que explicasse que possuir um QI elevado poderia de algum modo proteger uma pessoa das vicissitudes da vida, porém este grupo parecia ter mais do que a sua quota-parte de problemas: infâncias difíceis, pais disfuncionais, problemas de identidade sexual, crises pessoais, inclusive umas quantas falências. Thibodeaux andava a fazer terapia desde os vinte anos de idade, tendo-lhe sido diagnosticado um «distúrbio de personalidade *borderline*», tal como havia lido anteriormente. Cecchini havia-se enredado num culto religioso enquanto adolescente. Edelstein sofrera crises de depressão. St. Vincent fora um alcoólico. Wardlaw sofrera de PPST<sup>18</sup> depois de ver a cabeça do líder do seu pelotão desfazer-se em pedaços numa caverna nas montanhas de Tora Bora. Aos trinta e quatro anos, já se casara e divorciara — duas vezes. Innes fora re-preendido por dormir com pacientes.

Apenas Rae Chen parecia não ter nada de calamitoso na sua história — era apenas uma sino-americana de primeira geração cuja família possuía um restaurante. Também Dolby parecia relativamente normal, exceção feita ao facto de ter crescido num dos piores bairros de Watts, e à circunstância de o seu irmão ter ficado paralítico por culpa de uma bala perdida num tiroteio entre bandos.

O dossiê de Kate fora o mais revelador de todos eles. Analisou-o invadido por uma espécie de fascínio doentio e culpado. O pai dela havia cometido suicídio não muito tempo depois da separação deles — deu um tiro em si próprio depois de fracassar nos negócios. Depois disso, a mãe dela entrara num longo declínio físico, acabando numa casa de repouso, incapaz de reconhecer a própria filha. Após a morte da sua mãe, havia um lapso de dois anos no registo. Kate pagara dois anos de renda do seu apartamento no Texas e desaparecera, regressando dois anos mais tarde. Impressionava sobremaneira a Ford o facto de nem o FBI nem a CIA terem conseguido descobrir o lugar para onde tinha ido ou o que estava a fazer. Recusara-se a responder às suas questões — mesmo correndo o risco de não obter a credenciação de segurança de que necessitava para ser subdiretora do projeto

---

<sup>18</sup> Perturbação de Pós-Stress Traumático. (N. do T.)

Isabella. Porém Hazelius interviera, e a razão não estava difícil de ver — vinham mantendo um relacionamento. Parecia ter sido mais uma amizade do que uma paixão, e acabara de forma amigável.

Arrumou os documentos, sentindo repugnância pela violação de privacidade, pela intrusão grosseira na vida de uma pessoa por parte do governo, ali representada pelos dossiês. Perguntou-se como tinha sido capaz de suportar todos aqueles anos na CIA. O mosteiro mudara-o mais do que tinha consciência.

Pegou no dossiê de Hazelius e abriu-o. Lera-o na diagonal, e agora começava a examiná-lo com maior cuidado. Estava organizado cronologicamente, e Ford leu-o por ordem, visualizando a curva da vida daquele homem. Hazelius era oriundo de um contexto surpreendentemente mundano, um filho único numa sólida família de classe média de raízes escandinavas do Minnesota, pai lojista, mãe dona de casa. Eram pessoas sóbrias, monótonas, frequentadoras da igreja. Um ambiente improvável para a produção de um génio transcendental. Hazelius rapidamente se revelara um verdadeiro prodígio: *summa cum laude*<sup>19</sup> na John Hopkins aos dezassete anos, doutorado pelo Caltech aos vinte, professor catedrático na Universidade de Columbia aos vinte e seis, Prémio Nobel aos trinta.

Para além do seu brilhantismo, era um homem difícil de definir com exatidão. Não era o típico académico circunscrito ao seu universo. Na Universidade de Columbia, os seus alunos adoravam-no pelo seu espírito cáustico, pelo temperamento folgazão, e pela surpreendente veia mística. Tocava *boogie-woogie* e piano *stride*<sup>20</sup> numa banda chamada Quarksters, numa espelunca na 110th Street, enchendo o espaço de veneradores estudantes universitários. Levava alunos a clubes de *striptease*. Desenvolveu uma teoria de atrator estranho aplicada à bolsa de valores e arrecadou milhões antes de vender o sistema a um fundo de investimento especulativo.

Depois de vencer o Prémio Nobel pelo seu trabalho em torno do entrelaçamento quântico, Hazelius facilmente assumiu o seu papel de herdeiro da superestrela da Física, Richard Feynman. Publicou mais de trinta artigos teóricos sobre a incompletude da teoria quântica, abalando as próprias fundações da disciplina. Ganhou a Medalha Fields de Matemática por demonstrar a terceira conjectura de Laplace, a única pessoa a ganhar um Nobel e uma Fields. Acrescentou um Pulitzer à sua lista de prémios por culpa de um livro de poesia — poemas estranhamente belos que associavam linguagem a equações matemáticas e teoremas científicos. Desenvolvera um pro-

---

<sup>19</sup> Distinção académica por obtenção da classificação máxima num grau universitário. (N. do T.)

<sup>20</sup> Tipo de piano de jazz. (N. do T.)

grama de auxílio na Índia para facultar ajuda médica a raparigas em regiões onde era costumeiro deixar que raparigas doentes morressem; o projeto também incluía programas educativos subtis, porém intensivos, que visavam alterar os valores sociais em relação às raparigas. Havia contribuído com milhões para uma campanha de erradicação da mutilação genital feminina em África. Havia patenteado — e isto Ford achava cómico — uma ratoeira melhor, humana mas eficiente.

Figurara com frequência na Página Seis<sup>21</sup> do *New York Post*, a conviver com os ricos e famosos, envergando os seus fatos que eram imagem de marca dos anos setenta, com lapelas enormes e gravatas volumosas. Gaba-va-se de que os comprava no Exército de Salvação, nunca pagando mais do que cinco dólares. Era um convidado habitual do *David Letterman Show*, onde dele se esperavam sempre declarações politicamente incorretas — ele chamava-lhes «verdades desagradáveis» — e eloquência no que dizia respeito às suas maquinações utópicas.

Aos trinta e dois anos de idade, pôs todo a gente boquiaberta ao casar com a supermodelo e antiga coelhinha da *Playboy*, Astrid Gund, dez anos mais nova do que ele e lendária pela vacuidade animada. Ia com ele a todo o lado, mesmo aos circuitos de conversas televisivas, onde ele a contemplava com adoração enquanto ela tagarelava alegremente sobre as suas opiniões políticas emocionais e vagas, declarando celebrenemente certa ocasião, numa discussão em torno do 11 de Setembro: «Eh pá, por que é que as pessoas não conseguem simplesmente *dar-se bem?*»

Isso fora mau o bastante. Porém, durante este período, Hazelius dissera algo que indignou de tal modo o *zeitgeist* que se tornou imortal, ao jeito da reivindicação dos Beatles de que eram mais populares do que Jesus. Um repórter perguntou ao físico a razão pela qual casara com uma mulher «tão longinquamente abaixo do seu intelecto.» Hazelius sentira-se imensamente ofendido. «Com quem é que me casaria?», rugiu ao jornalista. «Toda a gente está abaixo do meu intelecto! Pelo menos a Astrid sabe como amar, já o mesmo não posso dizer em relação a todos vocês, seres humanos imbecis.»

O homem mais inteligente do mundo apelidara todas as restantes pessoas de imbecis. O alvoroço foi colossal. O *New York Post* publicava uma manchete histórica:

DE HAZELIUS PARA O MUNDO:  
VOCÊS SÃO TODOS UNS IMBECIS

---

<sup>21</sup> Página dedicada a crónicas da sociedade. (*N. do T.*)

Os oclocráticos dos programas de entrevistas da rádio e os seus companheiros de viagem uniram-se numa fúria pedante. Hazelius foi condenado de todos os púlpitos e tribunas da América, exposto à opinião pública como antiamericano, antirreligioso, antipatriota, misantropo, e membro da mais desprezível das espécies — um elitista instalado na estrutura de poder ocidental, que vive na sua torre de marfim e é bebedor de xerez.

Ford pôs os papéis de lado e sorveu mais uma chávena de café. Até ao momento, o dossiê não encaixava no Hazelius que começava a conhecer, um homem que media cada palavra e agia como um pacificador, um diplomata e um líder de equipa. Ainda não escutara uma única opinião política vinda dele.

Alguns anos atrás, Hazelius vivenciara uma tragédia. Talvez isso tivesse operado mudanças nele. Ford saltou partes do documento até encontrar esse elemento.

Há dez anos, quando Hazelius tinha trinta e seis anos, Astrid morrera de uma hemorragia cerebral. O falecimento deixara-o devastado. Durante vários anos isolara-se do mundo, adotando uma vida de reclusão semelhante à de Howard Hughes. Depois, como do nada, emergiu com o plano para o projeto Isabella. Era, sem dúvida, um homem mudado: tinham-se acabado os programas de entrevistas, as declarações ofensivas, as maquinacões utópicas, ou as causas perdidas. Afastou-se dos seus conhecimentos na alta-roda e pôs de parte os fatos feios. Gregory North Hazelius havia crescido.

Munido de uma extraordinária competência, paciência e tato, Hazelius levava o projeto Isabella avante, assegurando aliados na comunidade científica, tentando persuadir grandes fundações, e cortejando os que estavam no poder. Nunca deixava escapar uma oportunidade para lembrar os americanos de que os Estados Unidos se encontravam seriamente atrás dos europeus no campo da investigação em física nuclear. Sustentava a ideia de que o projeto Isabella poderia conduzir a soluções baratas para as necessidades energéticas mundiais — com todas as patentes e o saber-fazer nas mãos dos americanos. Com isso atingira o impossível: conseguir quarenta mil milhões de dólares da parte do Congresso num período de défices orçamentais.

Era um absoluto mestre da persuasão, ao que parecia, trabalhando silenciosamente nos bastidores, um visionário cauteloso, porém disposto a correr um risco arrojado, embora calculado. Este era o Hazelius que Ford vinha começando a conhecer.

Isabella era uma criação de Hazelius, o seu bebé. Percorrera o país e escolhera a dedo uma equipa a partir da elite dos físicos, engenheiros e programadores. Tudo foi correndo de feição. Até agora.

Ford fechou o arquivo e pôs-se a meditar. Continuava presente nele a sensação de que ainda não havia descolado as camadas interiores que revelassem o âmago daquele ser humano. Génio, homem com propensão para o espetáculo, músico, sonhador utópico, marido dedicado, elitista arrogante, físico brilhante, lobista paciente. Qual deles era o verdadeiro homem? Ou haveria por detrás de cada um deles uma figura sombria que manipulava as máscaras?

Havia partes da vida de Hazelius que não eram assim tão diferentes das da sua. Ambos haviam perdido as respetivas mulheres de formas horrendas. Aquando da morte da mulher de Ford, o mundo conforme ele o conhecia despedaçara-se juntamente com ela, deixando-a a vaguar por entre as ruínas. Todavia Hazelius reagira do modo oposto: a morte da sua mulher parecia tê-lo posto mais focado. Ford perdera o sentido da sua vida; Hazelius encontrara-o.

Perguntou-se como versaria o seu próprio dossiê. Não tinha qualquer dúvida de que existia — e de que Lockwood o lera, da mesma maneira que ele estava a ler os deles. Como seria? *Criança privilegiada, Choate*<sup>22</sup>, *Harvard, MIT, CIA, casamento*. E depois: *bomba*.

Depois de *Bomba*, o que se seguiria? *Mosteiro*. E, finalmente, *Advanced Security and Intelligence, Inc.*, nome da sua nova companhia de investigação. Subitamente, souu-lhe pretensioso? Quem estava ele a enganar? Tinha pendurado o letreiro há quatro meses e conseguira uma missão. Tratava-se, reconhecidamente, do emprego perfeito, mas havia razões especiais que explicavam o facto de ele ter sido escolhido. No entanto, não poderia colocá-las no seu currículo.

Lançou ao relógio um olhar de soslaio: estava atrasado para o pequeno-almoço, e estava a desperdiçar tempo com devaneios autocomiseradores.

Enfiando o dossiê na pasta, trancou-a e saiu rumo ao refeitório. O Sol acabara de se erguer acima das falésias vermelhas, e a luz passava através das folhas dos choupos, fazendo-as resplandecer como fragmentos de vidro verde e amarelo.

No refeitório abundava o cheiro a pães de canela e bacon. Hazelius encontrava-se sentado no seu lugar habitual, à cabeceira da mesa, absorto numa conversa com Innes. Kate sentava-se na outra extremidade, próximo de Wardlaw, e servia-se de café.

Ao vê-la, Ford sentiu as entranhas revolverem-se.

Ocupou o último lugar vago junto de Hazelius e serviu-se de ovos mexidos e bacon da travessa.

---

<sup>22</sup> De *Choate Rosemary Hall*, colégio interno situado em Wallingford, Connecticut. (N. do T.)



— Bom dia — disse Hazelius. — Dormiste bem?

— Melhor que nunca.

Todos estavam presentes à exceção de Volkonsky.

— Então, onde está o Peter? — aventurou-se Ford. — Não vi o carro dele à entrada.

A conversa caiu no silêncio.

— Parece que o Dr. Volkonsky se foi embora — disse Wardlaw.

— Embora? Porquê?

A princípio, ninguém falou. Depois, num tom de voz forçadamente elevado, Innes disse: — Enquanto psicólogo da equipa, talvez possa prestar alguns esclarecimentos a esse respeito. Sem violar qualquer sigilo profissional, julgo poder dizer sem contestação que Peter nunca foi feliz aqui. Teve muitas dificuldades em adaptar-se ao isolamento e ao horário desgastante. Tinha saudades da mulher e do filho lá em Brookhaven. Não é surpresa ver que se decidiu a ir embora.

— Disse que *parece* que se foi embora?

Hazelius respondeu em tom suave. — O carro dele evaporou-se, a mala e a maioria das roupas dele desapareceram... Foi o que presumimos.

— Não disse nada a ninguém?

— Pareces alarmado, Wyman — disse Hazelius, perscrutando-o de forma bastante marcada.

Ford parou. Estava a precipitar-se, e um homem tão observador quanto Hazelius dificilmente deixaria de reparar nisso.

— Não estou alarmado — replicou Ford. — Apenas surpreendido.

— Há já algum tempo que esperava que isto viesse a acontecer, receio dizer — expressou Hazelius. — O Peter não era talhado para este tipo de vida. Tenho a certeza de que vamos ter notícias dele assim que chegar a casa. Agora, Wyman, diz-nos como correu ontem a tua visita lá com o Begay.

Toda a gente se voltou para escutar.

— O Begay está furioso. Ele tem uma lista de queixas contra o projeto Isabella.

— Tais como?

— Digamos que se fizeram muitas promessas que não foram cumpridas.

— Nós não fizemos promessas a ninguém — disse Hazelius.

— Parece que o DE prometeu todos os tipos de empregos e benefícios económicos.

Hazelius meneou a cabeça, descontente. — Eu não controlo o DE. Pelo menos conseguiste dissuadi-lo de levar avante o passeio de protesto?

— Não.

Hazelius franziu o sobrolho. — Espero que possas fazer alguma coisa para impedir isto.

— Talvez seja melhor deixar que aconteça.

— Wyman, o mais ténue indício de qualquer tipo de problema pode vir a transformar-se em notícia nacional — disse Hazelius. — Não nos podemos dar ao luxo de ter má publicidade.

Ford olhou Hazelius firmemente. — Tens estado encafuado aqui na mesa, ocupado com um projeto secreto do governo, evitando qualquer tipo de contacto com os locais... era natural que viessem a surgir rumores e suspeitas. Que diabo esperavas tu? — Saiu-lhe um pouco mais severo do que tencionava.

Todos se fixaram nele, como se tivesse acabado de amaldiçoar o padre. Porém todos relaxaram à medida que Hazelius relaxou lentamente. — Muito bem, diria que mereci essa reprimenda. Parece-me justo. Talvez não tenhamos lidado com isto tão bem quanto poderíamos. Então... Que é o passo que se segue?

— Vou fazer uma visita amigável ao presidente do Capítulo Navajo local em Blue Gap, a ver se consigo organizar uma espécie de reunião municipal com os locais. Na qual estarás presente.

— Se tiver tempo.

— Receio que tenhas de ter tempo.

Hazelius acenou com a mão. — Atravessaremos aquela ponte quando chegar a altura.

— Também gostava de levar um cientista comigo hoje.

— Alguém em particular?

— Kate Mercer.

Hazelius olhou em volta. — Kate? Não tens nada para fazer hoje, pois não?

O rosto de Kate ruboresceu. — Estou ocupada.

— Se a Kate não pode ir, vou eu — disse Melissa Corcoran, arremesando o cabelo para trás com um sorriso. — Adorava desaparecer desta maldita mesa durante umas horas.

Ford olhou Kate e depois Corcoran. Sentiu relutância em dizer-lhes que preferia não aparecer em Blue Gap com uma brasa anglo-americana de um metro e oitenta, olhos azuis e loira. Pelo menos Kate, com o seu cabelo preto e rosto meio asiático, parecia quase índia.

— Estás mesmo assim tão ocupada, Kate? — perguntou Hazelius. — Disseste que tinhas praticamente terminado os cálculos do novo buraco negro. Isto é importante... e, afinal de contas, tu és a subdiretora.

Kate olhou Corcoran com uma expressão inescrutável. Corcoran devolveu o olhar friamente.

— Acho que posso acabar os cálculos do buraco negro mais tarde — disse Kate.

— Ótimo — disse Ford. — Passo na tua casa com o *Jeep* daqui a uma hora. — Dirigiu-se para a porta, sentindo-se estranhamente exultante.

No instante em que passou por Corcoran, esta, de lado, lançou-lhe um sorriso afetado. — Fica para a próxima — disse ela.

De volta à casita, Ford trancou a porta, levou a mala para o quarto, abriu as cortinas, retirou o telefone de satélite e marcou o número de Lockwood.

— Olá, Wyman. Novidades?

— Está a ver o cientista Peter Volkonsky, o engenheiro de *software*?

— Sim.

— Desapareceu ontem à noite. O carro dele evaporou-se, e dizem que arrumou as roupas na mala. Consegue descobrir se ele apareceu ou contactou alguém?

— Vamos tentar.

— Preciso de saber o quanto antes.

— Ligo-lhe já de volta.

— Mais umas coisas.

— Força.

— O Michael Cecchini. O dossiê dele diz que se tornou membro de um culto religioso quando era adolescente. Gostava de saber mais acerca disso.

— Certo. Mais alguma coisa?

— A Rae Chen. Ela parece... Como hei de dizer? Demasiado normal.

— Essa informação não serve de muito.

— Investigue o passado dela, veja se encontra alguma coisa de estranho.

Dez minutos mais tarde, a luz anelar piscou. Ford pressionou o botão RECEBER e a voz de Lockwood surgiu, consideravelmente mais tensa. — Em relação ao Volkonsky, telefonámos à mulher e aos colegas em Brookhaven... ninguém teve notícias dele. Disse-me que se foi embora ontem à noite? A que horas?

— Suponho que por volta das nove.

— Vamos emitir um boletim informativo sobre o carro dele e a matrícula, de modo a localizá-lo. Leva vinte e quatro horas de carro daí até à casa dele no estado de Nova Iorque. Se seguiu nessa direção, vamos encontrá-lo. Aconteceu alguma coisa?

— Cruzei-me com ele ontem. Tinha passado a noite toda de volta do Isabella e tinha andado a beber. Todo ele era hilaridade forçada. Disse-me «Antes, eu estar preocupado. Agora, eu estar impecável.» Mas ele parecia estar tudo menos impecável.

— Tem alguma ideia do que quereria dizer com isso?

— Não.

— Quero que reviste a casa dele.

Uma hesitação. — Fá-lo-ei hoje à noite.

Ford pousou o auscultador e pôs-se a observar os choupos através da janela. Mentir, espiar, enganar e agora arrombar. Uma bela maneira de iniciar o seu primeiro ano fora do mosteiro.